

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Desafios na Parentalidade em Contexto de Desvantagem
Económica e Social: Funcionamento Reflexivo Parental,
Atribuições Parentais e Stress Parental**

Raquel Alexandra Santos Sousa

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicologia Clínica Sistémica

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Desafios na Parentalidade em Contexto de Desvantagem
Económica e Social: Funcionamento Reflexivo Parental,
Atribuições Parentais e Stress Parental**

Raquel Alexandra Santos Sousa

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso e co-orientada pela
Professora Doutora Magda Roberto**

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicologia Clínica Sistémica

2020

Agradecimentos

À **Professora Doutora Isabel Narciso** por todos os reforços positivos que nos elevam a motivação em momentos de frustração, pelos sorrisos acolhedores que transmitiam força e empatia pelo último ano carregado de responsabilidade. Por toda a sabedoria que emanava em cada e-mail ou comentário. Por acreditar em mim e nas minhas capacidades que tanto questionei. Pelo carinho e atenção em cada mensagem. Um enorme obrigada!

À **Professora Doutora Magda Roberto** por ser o nosso anjinho da guarda e nos ajudar a combater os medos relacionados com a estatística e pela disponibilidade total e paciência em aturar as minhas crises existenciais subjacentes à análise de dados e discussão. Pela sua amabilidade, boa disposição e simpatia. Por motivar, compreender, acarinhar e empatizar com toda a situação que passámos este ano. Um obrigada do fundo do coração!

À minha **mãe** pela compreensão e carinho nos momentos de maior frustração e stress. Por todos os colinhos, abraços e beijinhos de força. Por acreditar sempre em mim, por motivar e apoiar todas as minhas vitórias. Porque sem ela eu não teria tido forças para chegar até aqui. Obrigada por compreenderes o meu choro de cansaço e por partilhares comigo o choro de felicidade.

Ao **mano** e ao **pai** pela paciência e carinho nos meus momentos maus e risotas até doer a barriga nos meus momentos de bom-humor. Obrigada por todos os abraços!

Aos meus **amigos e colegas**, que carrego no meu coração para a vida, pela constante motivação e partilha de inseguranças e frustração inerentes a todo este ano. Pelos momentos de descontração que tão bem fizeram à minha sanidade mental. Obrigada pelo apoio e amor incondicional!

Às **CAFAPianas** pelos conselhos sábios de quem já passou pelo mesmo. Em especial, à **Cátia** que sempre se mostrou preocupada com a escrita da dissertação, motivando-me. Por todos os reenquadramentos positivos e partilha de desabafos da vida estudantil. Obrigada por me encherem o coração com tanto carinho!

Ao meu querido **namorado** por me “obrigar” a escrever nos momentos de procrastinação. Por me mostrar todo um leque de cores novas que a vida pode ter. Por ser o meu refúgio onde me sinto tão leve e segura. Obrigada por todo o amor!

Índice

Introdução	1
Funcionamento Reflexivo Parental.....	2
Stress Parental.....	5
Atribuições Parentais	7
O presente estudo.....	9
Metodologia.....	11
Abordagem Metodológica e Desenho do Estudo	11
Questões de Investigação e Objetivos.....	11
Participantes.....	12
Procedimento de Recolha de dados	14
Variáveis e Instrumentos	15
Análise de Dados	17
Resultados	18
Análise de Correlações	18
Análise de preditores	21
Análise de Mediação Paralela.....	21
Discussão	24
Limitações do Estudo.....	29
Contributos para a Intervenção e Estudos Futuros	30
Conclusão	31
Referências Bibliográficas	33
Anexos.....	44

Índice de Tabelas

Tabela 1. Correlação bivariada para as variáveis em estudo e variáveis sociodemográficas, média e desvio-padrão.	20
Tabela 2. Estimativas não estandardizadas, erro padrão e ajustamento do impacto das variáveis independentes nas variáveis dependentes	22

Índice de Figuras

Figura 1. Mapa conceitual do estudo.....	12
Figura 2. Modelo de mediação paralela	23

Resumo

A literatura tem vindo a focar na parentalidade em contexto de desvantagem económica e social, considerando o impacto desta no bem-estar dos filhos nestes contextos. No entanto, são escassos os estudos que atentam variáveis parentais cognitivas nestas famílias. Este tema é abordado no presente estudo que procurou compreender a relação entre variáveis parentais (funcionamento reflexivo parental, atribuições parentais disfuncionais e stress parental quotidiano) em famílias em contextos de desvantagem económica e social. Neste estudo, participaram 78 cuidadores sinalizados por parentalidade de risco, com pelo menos um filho com idades compreendidas entre 1 e 17 anos de idade. Para a realização do estudo, foram utilizados o Questionário de Funcionamento Reflexivo Parental, o *Parent Cognition Scale* – PCS e o Questionário de Fatores de Stress Quotidiano. Os resultados demonstraram uma associação positiva da pré-mentalização com as atribuições parentais disfuncionais e com o stress parental, entre as atribuições parentais disfuncionais e o stress parental; uma associação negativa de certeza sobre os estados mentais com as atribuições parentais disfuncionais e com o stress parental; e um efeito mediador das atribuições parentais disfuncionais de responsabilidade da criança e causalidade parental na relação entre a pré-mentalização e o stress parental, assim como na relação entre a certeza sobre os estados mentais e o stress parental. Os resultados fornecem pistas importantes sobre a importância da promoção do conhecimento e reflexão dos estados mentais do próprio e dos filhos ao nível da prevenção e intervenção com famílias em contextos de desvantagem económica e social.

Palavras-chave: Parentalidade; Desvantagem económica e social; Funcionamento Reflexivo Parental; Atribuições parentais; Stress parental

Abstract

Scientific research has focused on parenting in economic and social disadvantage, considering its impact in the welfare of the children in this context. However, studies focusing on cognitive parenting variables in those families are scarce. This subject is addressed by the present study, that aims to understand the relation between parenting variables (parental reflective functioning, dysfunctional parental attribution, and daily parenting stress) of the families within economically and socially disadvantaged contexts. The sample consisted of 78 caregivers regarding involvement with the Child Protection System due to parenting risk factors, with at least one child with age between 1 and 17 years old. For data collection, the Parental Reflective Functioning Questionnaire, the Parent Cognition Scale and the Daily Hassles questionnaire were used. The results showed a positive association between pre-mentalizing and dysfunctional parental attribution and parenting stress, between dysfunctional parental attribution and parenting stress; a negative association between certain about the mental states and dysfunctional parental attribution and parenting stress. The results also demonstrated a mediating effect of parent-causal attributions and child-responsible attributions in the relationship between pre-mentalizing and parenting stress, and between certain about the mental states and parenting stress. The results give relevant clues as to the importance of promoting the knowledge and reflection on the mental states of the child and parents in clinical practice with families in settings characterized by economic and social adversity.

Keywords: Parenting; Economic and social disadvantage; Parental reflective functioning; Parental attribution; Parenting stress

Introdução

A parentalidade é imbuída de forte complexidade, no sentido em que existem diversos fatores em vários níveis sistémicos que influenciam positiva ou negativamente o seu exercício. Ou seja, tanto os pais, como as crianças e o contexto onde estão inseridos têm um papel no funcionamento parental que, por sua vez, tem impacto no bem-estar da criança (Belsky, 1984; Belsky & Jaffee, 2006). O bem-estar da criança inclui fatores como a saúde mental, o comportamento, o desempenho escolar, a relação com os cuidadores, com os irmãos e com os pares, assim como, a motivação/cooperação (Berry, Cash, & Mathiesen, 2003).

O estatuto socioeconómico afeta o desenvolvimento e as relações familiares (Conger, Conger, & Martin, 2010; Masarik & Conger, 2017). Assim, a parentalidade em contextos de desvantagem económica e social assume algumas características específicas dados os múltiplos fatores de stress subjacentes, tais como: problemas ao nível das capacidades parentais (Berry et al., 2003); práticas disciplinares disfuncionais como comportamentos hostis e exagerados (Cooper, Abate, Airrington, Taylor, & Venta, 2018; Scaramella, Neppl, Ontai, & Conger, 2008), estilos parentais autoritários (Friedson, 2016), menor apoio fornecido aos filhos (Cherry, Gerstein, & Ciciolla, 2019); uma restrita rede de suporte social (Moreno, 2002); e um maior risco de sintomas depressivos (Lorant et al., 2003). Por sua vez, relativamente ao subsistema filial, crianças e jovens apresentam maior probabilidade de desenvolver problemas ao nível da saúde mental como problemas de externalização (Reiss, 2013; Scaramella et al., 2008), assim como dificuldades no desenvolvimento socioemocional (Chamberland, Lacharité, Clément, & Lessard, 2014), maior risco de serem vítimas de negligência (Chamberland et al., 2014; Slack et al., 2011), mais problemas de comportamento (Berger, Paxson, & Waldfogel, 2009; Cherry et al., 2019) e um maior risco de abuso de substâncias na adolescência (Reinherz, Giaconia, Hauf, Wasserman, & Paradis, 2000). No entanto, para além do impacto da desvantagem socioeconómica ser transmitida de geração em geração (Jeon & Neppl, 2016; Scaramella et al., 2008), a qualidade da parentalidade medeia a associação entre a pressão económica e o bem-estar da criança (Belsky, Bell, Bradley, Stallard, & Stewart-Brown, 2006; Conger et al., 2010; Masarik & Conger, 2017). Assim, apesar de existirem vários estudos com foco no impacto da parentalidade no bem-estar das crianças nestes contextos – e.g., stress parental (e.g., Deater-Deckard, 2004a; Garcia, Ren, Esterach, &

Raikes, 2017), estilos educativos parentais (e.g., Coolahan, McWayne, Fantuzzo, & Grim, 2002; Friedson, 2016) e saúde mental dos pais (e.g., Lorant et al., 2003; van der Waerden, Hoefnagels, & Hosman, 2011) -, outras variáveis carecem de um maior aprofundamento na literatura, nomeadamente, variáveis cognitivas como, por exemplo, o funcionamento reflexivo parental e as atribuições parentais.

Tendo em conta o papel fundamental dos pais no bem-estar da criança e os múltiplos fatores que afetam a parentalidade, a intervenção clínica multidimensional e multissistémica poderá ter maior impacto (Belsky & Jaffee, 2006). Neste sentido, pretende-se, com o presente estudo, contribuir para colmatar esta lacuna na literatura, bem como estender a compreensão acerca da relação entre variáveis parentais - funcionamento reflexivo, stress parental e atribuições parentais -, em famílias em contexto de desvantagem económica e social, de modo a potenciar a reflexão sobre a intervenção, tanto ao nível preventivo como terapêutico.

Funcionamento Reflexivo Parental

Define-se funcionamento reflexivo parental como a capacidade de os pais refletirem acerca dos estados mentais (sentimentos, motivações, pensamentos, intenções e crenças) subjacentes aos comportamentos dos filhos e acerca dos seus próprios estados mentais relativos à parentalidade (Luyten, Mayes, Nijssens, & Fonagy, 2017; Narciso et al., 2018; Rostad & Whitaker, 2016; Slade, 2005). Os autores dividem este construto em três parâmetros: pré-mentalização, certeza sobre os estados mentais e curiosidade e interesse nos estados mentais. A pré-mentalização refere-se à dificuldade parental em compreender os estados mentais da criança e à incapacidade em aceder ao seu mundo subjetivo (Luyten, Nijssens, Fonagy, & Mayes, 2017; Nijssens, Bleys, Casalin, Vliegen, & Luyten, 2018). A certeza sobre os estados mentais da criança pode dividir-se em hipermentalizante, quando existe uma tendência para os pais estarem absolutamente certos dos estados mentais dos filhos, refletindo a dificuldade no reconhecimento da opacidade dos estados mentais, correspondendo, assim, a uma mentalidade intrusiva (Luyten, Mayes et al., 2017; Luyten, Nijssens et al., 2017); ou hipomentalizante, quando existe ausência total de certeza sobre os estados mentais da criança. Assim sendo, níveis intermédios são considerados mais adaptativos (Luyten, Nijssens et al., 2017). Do mesmo modo, no que se refere à curiosidade e interesse acerca dos estados mentais dos filhos, níveis elevados podem refletir intrusividade (Luyten, Mayes et al., 2017; Luyten, Nijssens

et al., 2017) e, por outro lado, níveis baixos podem significar falta de interesse pelos estados mentais da criança (Luyten, Nijssens et al., 2017), enquanto níveis intermédios apontam para um interesse genuíno nos estados mentais da criança (Nijssens et al., 2018).

A capacidade de os pais refletirem sobre e compreenderem o comportamento dos filhos, permite que respondam mais facilmente às suas necessidades. Consequentemente, estes cuidadores poderão desfrutar de interações mais positivas com seu filho, potenciando a qualidade da relação e, assim, aumentar a satisfação com o seu papel parental. Rostad e Whitaker (2016) demonstraram que o funcionamento reflexivo se relaciona com um maior envolvimento e comunicação com a criança, práticas disciplinares mais positivas e satisfação dos pais, refletindo a qualidade do relacionamento entre pais e filhos e contribuindo significativamente para a vinculação segura das crianças. A literatura empírica tem também evidenciado que o funcionamento reflexivo parental se relaciona positivamente com sensibilidade parental (Stacks et al., 2014) e vinculação segura maternal (Slade, Grienberger, Bernbach, Levy, & Locker, 2005). No que se refere à pré-mentalização, os resultados são consensuais, constituindo um indicador de parentalidade inadaptativa, surgindo, por exemplo, associada a atribuições distorcidas e malévolas perante o comportamento negativo dos filhos (Luyten, Nijssens et al., 2017; Rutherford, Goldberg, Luyten, Bridgett, & Mayes, 2013), assim como a menor satisfação parental (Burkhart, Borelli, Rasmussen, Brody, & Sbarra, 2017). Relativamente à certeza e curiosidade sobre os estados mentais dos filhos, Rostad e Whitaker (2016) verificaram que quanto mais certo e curioso um cuidador se sente sobre os estados mentais da criança mais se sente envolvido e comunicativo com esta, para além de relatarem mais práticas disciplinares positivas. Por sua vez, Rutherford et al. (2013) demonstraram que níveis adaptativos de curiosidade e interesse estavam associados a uma maior persistência na regulação emocional da criança quando estas são expostas a situações angustiantes, isto é, maior tolerância ao sofrimento dos filhos, o que poderá indicar, respostas mais adaptativas perante situações stressantes. Contrariamente, Nijssens et al. (2018) não encontraram uma relação significativa entre curiosidade e certeza sobre os estados mentais da criança e o stress parental, sugerindo a análise desta relação para estudos posteriores com maiores amostras de pais em situação de risco.

No que concerne ao bem-estar da criança, os níveis de funcionamento reflexivo parental associam-se a vinculação segura da criança (Slade et al., 2005; Stacks et al., 2014). Por sua vez, Wong, Stacks, Rosenblum, e Muzik (2017) demonstraram que o funcionamento reflexivo modera a relação entre o temperamento negativo do bebé aos

sete meses e problemas de comportamento do bebê aos 18 meses. Ou seja, mães que revelam funcionamento reflexivo adequado são mais sensíveis, conseguindo antecipar e responder às emoções negativas dos seus filhos. Os resultados obtidos por Benbassat e Priel (2012) demonstraram que o funcionamento reflexivo parental tem impacto no funcionamento reflexivo e competência social dos filhos jovens. Contudo, os autores constataram também a associação positiva do funcionamento reflexivo parental a problemas de internalização e a auto-imagem negativa dos adolescentes. Os resultados deste estudo demonstraram ainda que o funcionamento reflexivo parental serve de moderador na relação entre comportamentos parentais e resultados nos filhos adolescentes (e.g., níveis mais elevados de afeto parental relacionam-se com níveis mais elevados de auto-percepção social dos filhos adolescentes, apenas na presença de níveis elevados de funcionamento reflexivo parental).

Alguns autores referem que mães em contexto de desvantagem socioeconómica apresentam níveis mais baixos de reflexividade parental, i.e., menor capacidade de refletir criticamente sobre a parentalidade (e.g., Narciso et al., 2018; Sadler et al., 2013; Stacks et al., 2014). No mesmo sentido, Luyten, Mayes et al. (2017), num estudo realizado especificamente sobre funcionamento reflexivo, em que verificaram que a pré-mentalização se correlaciona positivamente com sofrimento sintomático e vinculação ansiosa e evitante das mães, constataram uma associação inversa ao estatuto socioeconómico. Os autores constataram ainda que embora a certeza, curiosidade e interesse se correlacionem positivamente com disponibilidade emocional materna, níveis elevados de certeza tendem a estar relacionados com vinculação ansiosa-resistente e baixos níveis de curiosidade estão associados a vinculação ansiosa.

Tanto quanto é do nosso conhecimento, poucos estudos procuraram relacionar o funcionamento reflexivo parental com o stress parental. Destacamos o estudo de Nijssens et al. (2018), que demonstrou o papel mediador da pré-mentalização na relação entre vinculação insegura e stress parental, na medida em que se verificou que altos níveis de vinculação ansiosa e evitante estavam associados à dificuldade em compreender os estados mentais da criança, o que, por sua vez, aumentava o stress relacionado com as exigências da parentalidade. No mesmo sentido, os resultados obtidos por McMahon e Meins (2012) mostram que mães com níveis adequados de funcionamento reflexivo, reportaram menor stress e, por sua vez, menor hostilidade ao interagirem com os seus filhos, explicando que, a capacidade para refletir acerca dos estados mentais da criança potencia a compreensão sobre o seu comportamento, diminuindo, assim o stress parental.

Stress Parental

Entende-se por stress parental, reações psicológicas e fisiológicas aversivas, geralmente expressas através de comportamentos, sentimentos e crenças negativas relativamente ao self e à criança, face às múltiplas e diversas exigências no âmbito da parentalidade (Deater-Deckard, 2004b). Ou seja, o desequilíbrio entre a perceção das exigências e a perceção dos recursos que respondem a tais exigências, resulta no stress parental (Deater-Deckard, 2004a). Tal como é sublinhado por Abidin (1995), o stress parental tem múltiplos determinantes: fatores da criança (idade, competências sociais e problemas de comportamento), fatores parentais (sexo, estado de saúde e raça/etnia) e fatores contextuais (estrutura familiar, conflito familiar, coesão familiar, suporte social, educação dos pais e renda familiar). Vários autores verificaram a relação de variáveis demográficas com o stress parental, nomeadamente, pais solteiros experienciam maiores níveis de stress parental (Diener & Swedin, 2020); mães experienciam maiores níveis de stress parental relativamente a filhos do sexo masculino e os pais relativamente a filhos do sexo feminino (Scher & Sharabany, 2005); mães mais velhas e com vários filhos ao seu encargo reportam maior nível de stress parental (Östberg, & Hagekull, 2000); relativamente à idade dos filhos, o stress parental decresce com o aumento da idade dos filhos (Neece, Green, & Baker, 2012). A literatura empírica tem evidenciado particularmente a associação do stress parental a contextos de desvantagem económica e social (e.g., Cherry et al., 2019; Raikes & Thompson, 2005; Steele et al., 2016; Warren & Font, 2015). Numerosos estudos mostram também o papel preditor de vários fatores psicológicos individuais: maus-tratos sofridos pelos pais na sua infância (Steele et al., 2016); funcionamento psicológico (Diener & Swedin, 2020; McPherson, Lewis, Lynn, Haskett, & Behrend, 2009), características da personalidade (Diener & Swedin, 2020) e autoeficácia parental (Diener & Swedin, 2020; Raikes & Thompson, 2005).

Segundo diversos autores, o stress relacionado com as exigências da parentalidade tem impacto na relação entre pais e filhos, nomeadamente, pode manifestar-se no uso de práticas disciplinares hostis e menor satisfação no seu papel (Pereira, Negrão, Soares, & Mesman, 2013). Em casos de maior gravidade, o stress parental é um fator de risco para negligência parental (Slack et al., 2011) e abuso físico (Haskett, Scott, Grant, Ward, & Robinson, 2003). Para além disto, Garcia et al. (2017) verificaram que quanto maior o nível de stress parental relatado por mães com baixo estatuto socioeconómico, maior era a relação de conflito com a criança. No estudo empírico de Ayala-Nunes, Nunes, e Lemos

(2017), realizado com uma amostra de 167 pais portugueses com crianças em risco psicossocial, mais de metade dos participantes reportaram níveis clinicamente significativos de stress parental. Os autores verificaram também que os fatores parentais que mais contribuem para o stress parental são fatores pessoais (e.g., sofrimento), assim como fatores contextuais (e.g., poucos recursos económicos). Para além disto, concluíram que o suporte social e emocional se relacionam com o stress parental, verificando que pais com níveis de stress parental clinicamente significativo, comparativamente a pais que não experienciavam stress parental, reportaram uma menor rede de suporte social e menos pessoas que prestam suporte emocional. A satisfação com o suporte emocional foi a única variável relacionada com o stress parental, o que poderá assinalar que o suporte emocional tem grande valor para as famílias que experienciam este tipo de stress, podendo ser explicado pelo apoio recebido ou pelo envolvimento em atividades sociais.

Tendo em conta que o stress parental afeta a parentalidade, apresenta riscos também para as crianças. Níveis elevados de stress parental aumentam a probabilidade de problemas de saúde nas crianças (Larkin & Otis 2018), assim como de problemas emocionais e comportamentais (Baker et al., 2003; Deater-Deckard, 2004b). Para além de efeitos diretos, o stress parental medeia positivamente relações entre o conflito parental e os problemas de internalização e externalização dos filhos (Xuan et al., 2018) e entre história de trauma interpessoal vivida pela criança e os seus problemas de internalização (Whitson, Bernard, & Kaufman, 2014). No entanto, tem-se verificado que existe um impacto mútuo entre o stress parental e o comportamento das crianças. Baker et al. (2003) apontam para uma relação de causalidade circular, uma vez que constataram que níveis elevados de stress parental contribuem para os problemas de comportamento dos filhos ao longo do tempo, bem como o inverso. No mesmo sentido, Cappa, Begle, Conger, Dumas, e Conger (2011), numa amostra de 610 cuidadores de crianças entre os três e os seis anos, em contexto de desvantagem económica e social, demonstraram que o stress parental e as competências de *coping* da criança apresentam uma relação bidirecional. Ou seja, crianças com pais que apresentam elevado nível de stress parental demonstraram dificuldades ao nível de estratégias de *coping* emocionais, sociais e relacionais, assim como, ao nível da resolução de atividades orientadas para um objetivo. Por sua vez, os autores encontraram uma associação também significativa entre elevado stress parental e um aumento de comportamentos disruptivos da criança, sugerindo que o comportamento disruptivo aumenta o stress parental, o que poderá estimular dificuldades das crianças no uso de estratégias de *coping* adaptativas.

Os resultados empíricos obtidos por Cherry et al. (2019) vão ao encontro dos supramencionados, no que diz respeito à relação bidirecional entre os problemas comportamentais da criança e o stress parental. Assim, ao examinarem a relação entre problemas de comportamento da criança, stress parental, suporte parental e conflito familiar, através de um estudo longitudinal, numa amostra de famílias em risco social, verificaram dois efeitos. O efeito da criança no que diz respeito ao conflito familiar, no sentido em que mais problemas de comportamento da criança no 1º ano, aumentam o conflito familiar percebido e, por sua vez, o stress parental no 3º ano, apesar de haver também relação direta entre os comportamentos da criança e o stress parental. Os autores constataram também que o stress parental no 1º ano se relacionou com menor suporte parental aos dois anos e, consequentemente, mais problemas comportamentais na criança e maior conflito familiar aos três anos. O conjunto destes resultados sugere, pois, uma relação de circularidade entre os subsistemas parental e filial.

Acresce ainda que o stress provocado pelas exigências inerentes à parentalidade pode levar ao enfraquecimento de competências parentais (Baker et al., 2003), nomeadamente competências cognitivas, tais como processos atribucionais face ao comportamento indesejado dos filhos. A literatura evidencia que o stress parental se relaciona positivamente com as atribuições parentais negativas de responsabilidade da criança (e.g. Beckerman, van Berkel, Mesman, & Alink, 2018; Beckerman, van Berkel, Mesman, Huffmeijer, & Alink, 2019, Haskett et al., 2003), o que, por sua vez, faz com que os pais recorram a práticas disciplinares mais severas e abusivas (Beckerman, van Berkel, Mesman, & Alink, 2017; Beckerman et al., 2018; Cooper et al., 2018). De acordo com Beckerman et al. (2017), os cuidadores, ao se sentirem mais stressados com as exigências parentais, funcionam numa espécie de “piloto automático”, tendo dificuldade em considerar fatores situacionais no que diz respeito à explicação do comportamento do filho, e, consequentemente, recorrem mais facilmente a práticas disciplinares disfuncionais (Beckerman et al., 2017). Assim, considera-se que o stress parental é um dos fatores que mais afeta as atribuições parentais (Beckerman et al., 2018).

Atribuições Parentais

As atribuições parentais aos comportamentos dos filhos – i.e., explicações dos pais face a comportamentos dos filhos - são disfuncionais quando os pais associam fatores internos, estáveis e hostis aos comportamentos indesejados dos filhos – atribuições de

responsabilidade da criança - ou a si próprios – atribuições disfuncionais de causalidade dos pais (Chen, Johnston, Sheeber, & Leve, 2008; Snarr, Slep, & Grande, 2009). As atribuições parentais disfuncionais são, de acordo com Snarr et al. (2009), preditoras de fraco funcionamento parental. As atribuições disfuncionais focadas na responsabilidade da criança estão associadas a práticas parentais mais severas (Sheeber et al., 2009; Wang & Wang, 2018), bem como a estilos parentais autoritários e permissivos, tanto no que diz respeito a explicações focadas nos pais como nos filhos (Fernandes, Narciso, Pedro, & Roberto, 2019). Vários autores evidenciaram o seu papel preditor de abuso físico infantil (Haskett et al., 2003; Montes, De Paúl, & Milner, 2001).

Bornstein, Putnick, e Suwalsky (2018) demonstraram um modelo em “cascata” no qual as atribuições positivas com foco nas mães – i. é., as mães atribuírem o seu sucesso a fatores internos -, enquanto os filhos são bebês, são preditoras de práticas parentais mais positivas durante a idade pré-escolar, o que, por sua vez, é preditor de níveis mais baixos de problemas de externalização na sala de aula, durante a idade escolar. Por sua vez, Fernandes et al. (2019) demonstraram que atribuições parentais disfuncionais estão associadas negativamente ao comportamento pró-social da criança e positivamente aos comportamentos externalizantes e internalizantes. A literatura também evidencia que as atribuições disfuncionais focadas na responsabilidade da criança, comparativamente com as centradas na causalidade dos pais, têm mais impacto nos problemas de internalização e externalização da criança (Colalillo, Miller, & Johnston, 2015; Fernandes et al., 2019; Nelson, O’Brien, Calkins, & Keane, 2013), assim como, na desregulação emocional (Wang & Wang, 2018). Colalillo et al. (2015) verificaram que atribuições disfuncionais focadas nas mães se relacionam inversamente com os problemas de internalização e externalização dos filhos, isto é, quanto mais as mães se responsabilizam pelos comportamentos dos filhos, menos problemas estes apresentam. Os estudos empíricos não têm verificado uma relação significativa entre as atribuições parentais e o sexo da criança (e.g., Beckerman et al., 2017, 2018; Nelson et al., 2013).

Num estudo longitudinal em que a amostra era composta maioritariamente por famílias em contexto de desvantagem socioeconómica (Wilson, Gardner, Burton, & Leung, 2006), os resultados demonstraram que mães de crianças com três anos de idade com problemas de comportamento fazem atribuições internas e globais de responsabilidade aos filhos, tendo mais probabilidade de fazer o mesmo tipo de atribuições quando os filhos têm quatro anos. Deste modo, a conclusão do estudo é que os problemas de comportamento dos filhos predizem as atribuições maternas

disfuncionais. No mesmo sentido, num estudo também longitudinal e com crianças em idade pré-escolar, os problemas de comportamento dos filhos eram preditores de práticas disciplinares ineficazes e de atribuições hostis com foco na criança. Note-se, ainda, que a interação das práticas com as atribuições contribuiu para o aumento dos problemas de comportamento da criança na escola e em casa, entre o pré-escolar e o 1º ano do ensino básico (Snyder, Cramer, A Frank, & Patterson, 2005). Em conjunto, estes resultados sugerem que os problemas de comportamento da criança aumentam a probabilidade de os pais atribuírem a intencionalidade do comportamento a fatores internos, em vez de a fatores circunstanciais ou relativos ao desenvolvimento normativo da criança (Snyder et al., 2005).

Alguns autores verificaram que, em contexto de desvantagem económica e social, se acentuam as atribuições parentais com foco nos filhos face aos seus comportamentos negativos (Wang, Deater-Deckard, & Bell, 2013). No mesmo sentido, Fernandes et al. (2019) verificaram que pais que não se encontram em situação de desvantagem socioeconómica reportam mais atribuições de causalidade parental, comparativamente com pais em situação de desvantagem. Contudo, estudos realizados por Beckerman et al. (2017, 2018) não evidenciaram uma relação significativa entre o estatuto socioeconómico e as atribuições parentais negativas.

O presente estudo

A revisão de literatura efetuada parece indicar uma predominância de estudos que avaliam o impacto de variáveis relacionadas com a parentalidade nos filhos comparativamente com estudos que relacionem variáveis parentais entre si (e.g. funcionamento reflexivo parental, atribuições parentais e stress parental). É também evidente a escassez de estudos particularmente sobre funcionamento reflexivo e atribuições parentais em contexto de desvantagem socioeconómica. Deste modo, e tendo em conta o Modelo de Stress Parental que afirma que a pressão económica contribui para o desajustamento da criança e jovem, através das dificuldades encontradas na parentalidade (Masarik & Conger, 2017), o presente estudo procura colmatar tais lacunas, através do aprofundamento do conhecimento acerca da relação entre funcionamento reflexivo parental, atribuições parentais e stress parental em contexto de desvantagem económica e social.

Assim, com base na revisão de literatura efetuada, colocam-se as seguintes hipóteses:

H1: A pré-mentalização está positivamente associada a atribuições parentais disfuncionais (e.g., Luyten, Nijssens et al., 2017; Rutherford et al., 2013) e a stress parental (e.g., McMahon & Meins, 2012; Nijssens et al., 2018).

H2: A curiosidade e a certeza sobre estados mentais estão negativamente associadas a atribuições parentais disfuncionais e ao stress parental. Esta hipótese tem subjacente os resultados da literatura que evidenciam a associação do funcionamento reflexivo à qualidade da parentalidade (e.g., Rostad & Whitaker, 2016; Stacks et al., 2014). Note-se, ainda, que os resultados de Rostad e Whitaker (2016) revelaram uma associação positiva entre certeza e curiosidade e envolvimento com a criança, o que pode indiciar uma relação negativa entre certeza e curiosidade e interesse pelos estados mentais da criança e stress parental. Para além de que os resultados de Rutherford et al. (2013) revelaram uma associação positiva entre níveis adaptativos de curiosidade e interesse e maior tolerância ao stress relativo à parentalidade.

H3: As atribuições parentais disfuncionais estão positivamente associadas ao stress parental (e.g. Berckerman et al., 2018, 2019; Haskett et al., 2003)

H4: Relativamente às variáveis sociodemográficas espera-se uma associação positiva entre o número de filhos e o stress parental (Östberg, & Hagekull, 2000) e uma associação negativa entre a idade dos filhos e stress parental (Neece et al., 2012), assim como maiores níveis de stress parental em mães com filhos do sexo masculino (Scher & Sharabany, 2005) e famílias monoparentais (Diener & Swedin, 2020).

H5: O número de filhos, a idade e o sexo dos mesmos e a configuração familiar são preditores do stress parental (Abidin, 1995).

H6: O funcionamento reflexivo parental e as atribuições parentais disfuncionais contribuem para o stress parental. Esta hipótese tem por base o estudo de Nijssens et al. (2018) que reporta que a dificuldade de compreender os estados mentais da criança está associado a maior stress. Também os estudos de Beckerman et al. (2017, 2018) constatarem que pais com maiores níveis de stress têm mais dificuldade em considerar os fatores situacionais na explicação do comportamento dos filhos. A presente hipótese indicia uma relação inversa à explorada por Beckerman et al. (2017), na medida em que sugere o impacto do funcionamento reflexivo e atribuições no stress, o que poderia indicar uma relação de circularidade entre estas variáveis.

H7: As atribuições parentais disfuncionais medeiam a relação entre o funcionamento reflexivo e stress parental, uma vez que a pré-mentalização se caracteriza por atribuições distorcidas e malévolas perante o comportamento negativo dos filhos (Luyten, Nijssens et al., 2017; Rutherford et al., 2013) e as atribuições se relacionam com o stress parental (Beckerman et al., 2017, 2018).

Metodologia

Abordagem Metodológica e Desenho do Estudo

Partindo de uma abordagem metodológica quantitativa de desenho transversal, esta investigação foca a relação entre variáveis cognitivas parentais (funcionamento reflexivo parental e atribuições parentais) e stress parental, em cuidadores de contextos de desvantagem económica e social, sinalizados por parentalidade de risco. Tendo em conta que esta investigação procura analisar associações entre variáveis, a mesma orienta-se por um paradigma pós-positivista, que apresenta como objetivo aceder à realidade “mais provável”, pois parte do princípio de que a realidade não é captada na sua plenitude, mas apenas por aproximação à objetividade, para além de assumir que o investigador tem os seus filtros que subjetivam o conhecimento (Guba & Lincoln, 1994).

Questões de Investigação e Objetivos

A questão de investigação inicial orientadora deste estudo é: *“Como é que o funcionamento reflexivo parental e as atribuições parentais se relacionam com o stress parental em contexto de desvantagem económica e social?”*.

O objetivo central deste estudo (consultar Figura 1) visa compreender a relação entre as variáveis funcionamento reflexivo parental, atribuições parentais e stress parental em cuidadores de contextos em desvantagem económica e social. Especificamente, pretende-se: (1) analisar a relação entre as variáveis descritas; (2) compreender o papel do sexo e idade dos filhos, número de filhos, configuração familiar, funcionamento reflexivo parental, e atribuições parentais no stress parental quotidiano; (3) avaliar o papel mediador das atribuições parentais na relação entre o funcionamento reflexivo parental e o stress parental quotidiano.

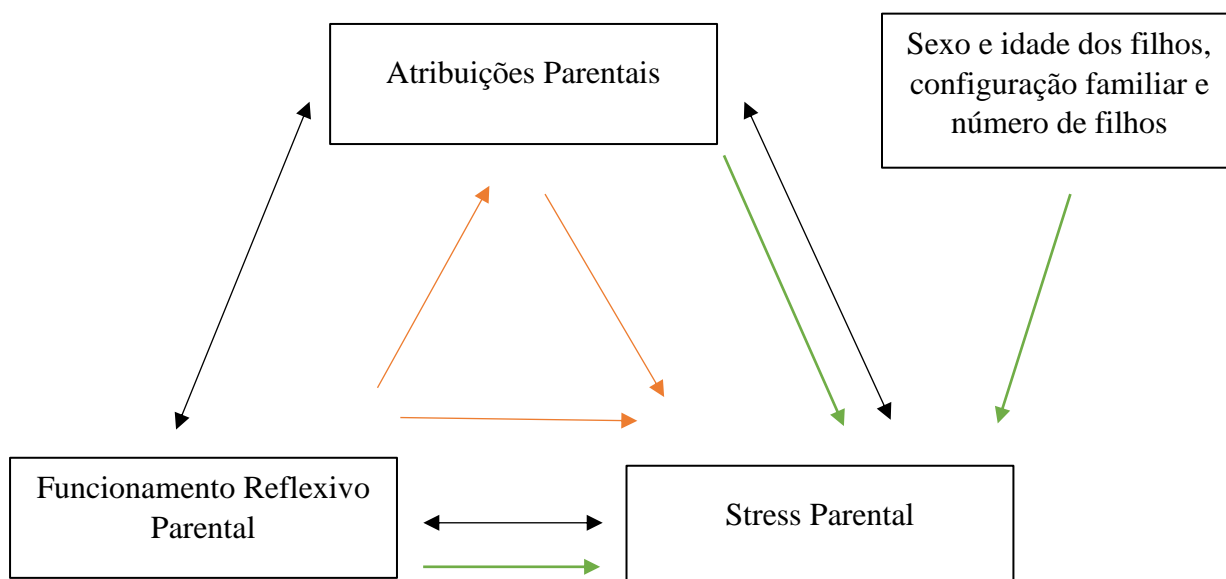


Figura 1. Mapa conceitual do estudo (setas pretas: associações entre todas as variáveis; setas verdes: preditores de stress parental; setas cor-de-laranja: atribuições como variável mediadora entre funcionamento reflexivo e stress parental).

Participantes

Os participantes foram escolhidos através de um processo de amostragem por conveniência, tendo como critérios de inclusão: cuidadores parentais com sinalização por parentalidade de risco relativamente a (pelo menos) uma criança até aos 12 anos de idade, cuidadores em contexto de desvantagem económica e social e, por último, utentes da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Centros de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental e Comissões de Proteção de Crianças e Jovens residentes em Portugal. A amostra é constituída por 78 cuidadores sinalizados por parentalidade de risco, de idades compreendidas entre os 18 e 67 anos de idade ($M = 39.37$, $DP = 10.51$) na sua maioria, do sexo feminino ($n = 67$; 85.9%), existindo uma prevalência da etnia caucasiana ($n = 45$; 72.6%). A amostra contemplava ainda participantes de etnia africana (16.1%), mista (9.7%) e cigana (1.6%). A par disto, 76.8% dos participantes eram de origem portuguesa, 8.9% de origem brasileira, 7.1% de origem cabo-verdiana, existindo ainda participantes moçambicanos, angolanos, do leste e latinos (1.8% respetivamente). Quanto à religiosidade, a maioria dos participantes eram crentes ($n = 66$; 84.6%). Relativamente à escolaridade, 41.6% dos participantes tinham entre o 7º e o 9º ano de escolaridade, 19.5% tinham entre o 10º e o 12º ano, 18.2% tinham entre o 5º e 6º ano, 16.8% tinham entre o 0

e 4º ano, existindo ainda participantes com ensino superior (2.6%) e frequência universitária (1.3%).

A nível familiar, cerca de metade da amostra apresentou uma configuração monoparental ($n = 41$; 52.6%) e 47.4% uma configuração biparental, sendo que 28.2% ($n = 22$) residiam em coabitação e 19.2% ($n = 15$) estavam casados. O agregado familiar era constituído maioritariamente por 4 elementos ($n = 23$; 29.5%), 3 elementos ($n = 17$; 21.8%) e 5 elementos ($n = 15$; 19.2%). No que diz respeito à situação laboral dos participantes, 66.7% ($n = 52$) encontravam-se em situação de desemprego, 11.5% ($n = 9$) a trabalhar por conta de outrem, 10.3% ($n = 8$) realizavam “biscates”, 5.1% eram trabalhadores independentes, 3.8% encontravam-se reformados e 2.6% encontravam-se de baixa médica. Dos que se encontravam numa relação à data da sua participação na investigação, a situação laboral do cônjuge era a seguinte: 35.1% encontravam-se desempregados, 32.4% a trabalhar por conta de outrem, 10.8% a realizar “biscates”, 8.2% encontrava-se reformados, 5.4% encontravam-se de baixa médica, 2.7% eram trabalhadores independentes, 2.7% eram estudantes e os restantes 2.7% encontravam-se noutra situação não especificada. O rendimento mensal das famílias variou entre 180€ e 1800€ ($M = 620.97$; $DP = 292.87$), sendo que 53.2% da amostra usufruía do rendimento social de inserção como principal fonte de rendimento, 42.3% de outras fontes (por exemplo, abonos e pensões) e 28.2% do vencimento mensal fixo.

A maioria dos participantes nunca teve acompanhamento psiquiátrico (70.3%), psicológico (41.3%) ou familiar (86.3%). Contudo, 36% dos participantes da amostra tinham beneficiado de acompanhamento psicológico no passado e 22.7% atualmente.

Os participantes tinham entre 1 e 6 filhos ($M = 2.32$; $DP = 1.29$). Relativamente ao filho sobre o qual responderam aos questionários (filho-alvo, i.e., o filho mais velho com idade igual ou inferior a 18 anos) eram maioritariamente do sexo masculino ($n = 56$; 71.8%) com uma média de idades de 10.38 anos ($DP = 4.73$), sendo que 33.4% tinha mais de 13 anos, 26.9% tinha idades compreendidas entre 10 e 13 anos, 20.5% entre 6 e 9 anos e 19.2% entre 1 e 5 anos. Cerca de 28.2% dos filhos-alvo habitavam apenas com a mãe e 24.4% com ambos os pais. A maioria dos filhos-alvo frequentava o 1º ciclo (34.8%), 19.7% frequentavam o 2º ciclo, 15.2% encontravam-se no 3º ciclo, 15.2% encontravam-se em creches ou pré-escolares, 7.6% frequentavam o ensino secundário, 3% frequentavam cursos de educação e formação (CEF), 3% não estavam ainda integrados em equipamento de infância e 1.5% frequentavam o ensino especial. Cerca de 37.3% ($n = 28$) dos filhos-alvo não tinham qualquer tipo de apoio (e.g. psicológico,

pedopsiquiátrico, escolar, terapia da fala), contudo 20% ($n = 15$) usufruíam de acompanhamento psicológico.

Procedimento de Recolha de dados

A presente dissertação encontra-se enquadrada numa investigação em curso no âmbito do Laboratório Associativo *ProChild Against Poverty and Social Exclusion*, tendo sido aprovada pelo comité de ética, sendo que conta com a colaboração das Equipas de Apoio à Família da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Lisboa e do Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental da Associação Nós (Barreiro).

Os dados da amostra foram recolhidos pela equipa de investigação do projeto em causa, entre junho de 2018 e fevereiro de 2020¹, sendo a recolha realizada presencialmente, de forma oralizada, desta forma salvaguardando situações de iliteracia ou dificuldade de compreensão da escrita.

As instituições supramencionadas efetuavam um primeiro contato com as famílias, de forma a fornecer informação sobre o estudo e pedir a sua colaboração voluntária, e, caso as famílias aceitassem colaborar, eram agendadas as sessões de aplicação do protocolo de investigação. As sessões, nas instalações referidas, incluíam um primeiro momento em que dois elementos da equipa de investigação, utilizando o documento relativo ao consentimento informado, contextualizavam o estudo, informando sobre os objetivos gerais, critérios de participação, voluntariedade da participação, solicitavam autorização para gravação áudio e garantiam o anonimato e confidencialidade dos dados. Para além disso, era também fornecido o contato de email do projeto de investigação para acesso aos resultados gerais da investigação ou esclarecimentos adicionais. Após os participantes assinarem o consentimento informado, era realizada a aplicação oralizada do protocolo, que englobava: (1) um questionário sociodemográfico; (2) um conjunto de escalas de autorrelato cujas respostas eram solicitadas com recurso a régua de resposta explicativas das escalas de Likert (ver Anexo I) e imediatamente registadas pelo técnico; (3) uma curta entrevista semi-estruturada.

¹ Prevvia-se a recolha de dados até ao final de abril, no entanto foi interrompida devido à situação Covid-19.

De modo a recolher informação complementar sobre as famílias, foi aplicado um segundo protocolo, entregue em formato papel ao gestor dos processos de cada família. Este protocolo incluía questionários com o intuito de recolher informação acerca dos motivos de sinalização e da situação atual da(s) criança(s); uma escala sobre a perceção dos técnicos relativamente à evolução da família; e uma escala sobre Forças e Stressores familiares. Considerando os objetivos do presente estudo, estes dados não serão considerados.

Variáveis e Instrumentos²

Questionário Sociodemográfico. O protocolo incluiu um questionário sociodemográfico composto por questões que pretendem recolher informações acerca do participante e dos seus filhos, tais como sexo, idade, etnia, local de residência, escolaridade, situação profissional, situação conjugal atual e passada, constituição do agregado familiar, acompanhamento psicológico, religiosidade, situação financeira.

Funcionamento Reflexivo Parental. A variável funcionamento reflexivo parental foi avaliada através do Questionário de Funcionamento Reflexivo Parental (Luyten, Mayes et al, 2017; versão portuguesa: Moreira & Fonseca - adaptação em curso) que avalia a capacidade dos pais compreenderem os estados mentais dos filhos. O questionário é constituído por 18 itens respondidos através de uma escala de *Likert* de 7 pontos, variando entre 1 - “Discordo Fortemente” e 7 - “Concordo Fortemente”. A escala organiza-se em três subescalas: 1) pré-mentalização, na qual valores elevados indicam estados de não mentalização, atribuições malévolas e uma incapacidade para entrar no mundo subjetivo da criança (e.g., *Quando o meu filho fica rabugento, ele faz isso só para me irritar*); 2) certeza dos estados mentais, onde pontuações elevadas caracterizam-se pela tendência dos pais para estarem excessivamente certos sobre os estados mentais das suas crianças, não reconhecendo a opacidade dos mesmos e refletindo uma mentalização intrusiva ou hipermentalizante (por outro lado, pontuações baixas refletem uma quase completa falta de certeza sobre os estados mentais dos filhos, isto é, uma hipomentalização) (e.g., *Consigo ler completamente a mente do meu filho.*); e, 3) curiosidade e interesse nos estados mentais, onde pontuações baixas refletem falta de interesse e elevadas refletem

² Em anexo, encontram-se exemplos de itens para cada instrumento utilizado (consultar anexos II, III e IV).

intrusividade (e.g., *Sinto muitas vezes curiosidade em descobrir o que o meu filho está a sentir*). Neste sentido, os autores propõem para as últimas duas escalas referidas, uma relação curvilínea, onde scores intermédios refletem a prática adequada. Cada subescala foi calculada através da média dos itens correspondentes. De acordo com Luyten, Mayes et al. (2017) as subescalas apresentaram uma boa consistência interna com coeficientes de alfa de Cronbach de .70, .82 e .75 para pré-mentalização, certeza dos estados mentais e curiosidade e interesse, respetivamente. No presente estudo, os alfas de Cronbach foram adequados ($\alpha_{\text{Pré-mentalização}} = .69$; $\alpha_{\text{Certeza dos estados mentais}} = .74$; $\alpha_{\text{Curiosidade e interesse}} = .63$).

Atribuições Parentais. Para avaliar as atribuições parentais, foi utilizado o *Parent Cognition Scale* – PCS (Snarr et al., 2009; versão portuguesa: Fernandes et al., 2019), uma medida de autorrelato que avalia as atribuições disfuncionais parentais relativas ao mau comportamento de crianças a partir dos 2 anos, referentes aos últimos dois meses. O instrumento é constituído por 30 itens respondidos numa escala de *Likert* de 6 pontos, cujas respostas variam entre 1 - “Sempre Verdade” e 6 - “Nunca Verdade”. Para que pontuações mais elevadas correspondam a valores mais elevados de atribuições parentais disfuncionais, os itens foram invertidos, conforme recomendação dos autores originais da escala. Os itens organizam-se em 2 subescalas, a subescala das atribuições com foco na responsabilidade da criança, com 9 itens (e.g., *O meu filho pensa que é ele que manda*) e a subescala das atribuições de causalidade com foco nos pais com 7 itens (e.g., *É difícil, para mim, impor limites*). Os itens distratores (e.g., *O meu filho está a atravessar uma fase*) não foram usados para análise. As subescalas apresentam níveis de consistência interna adequados na versão portuguesa que oscilam entre .84 e .90. Também, neste estudo os seus valores de consistência interna são bons ($\alpha_{\text{Atribuições Responsabilidade Criança}} = .89$; $\alpha_{\text{Atribuições Causalidade Pais}} = .77$).

Stress Parental. De modo a avaliar o stress parental, foi utilizada uma subescala do Questionário de Fatores de Stress Quotidiano (Kanner, Coyne, Schaefer, & Lazarus, 1981; versão portuguesa: Negrão, Pereira, & Soares, 2009), a qual permite avaliar o grau de incómodo gerado por situações relativas ao(s) filho(s) (e.g., *Os horários dos meus filhos interferem com as minhas necessidades*). Esta subescala é composta por 20 itens respondidos numa escala de *Likert* de 5 pontos, com respostas que variaram entre 1- “Nenhum incómodo” e 5- “Muito Incómodo”. Valores mais elevados indicam maior stress parental. O nível de consistência interna foi bom ($\alpha = .79$).

Análise de Dados

Os dados recolhidos foram analisados através do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 26.0 (IBM, SPSS Inc., Armonk, NY). Numa primeira fase, avaliou-se a consistência interna das variáveis em análise através do alfa de Cronbach. Valores de consistência interna adequados foram considerados quando o alfa foi superior a .60 (Nunnally & Bernstein, 1994). Em seguida, foi executada uma análise das frequências e estatísticas descritivas dos dados (médias e desvios-padrão), complementada pela análise bivariada das variáveis em causa, a partir do coeficiente de Pearson. Para variáveis ordinais, utilizou-se o coeficiente de correlação de Spearman. As correlações foram consideradas fracas quando inferiores a .30 e fortes quando superiores a .50 (Cohen, 1988).

Finalmente, de modo a responder ao segundo e terceiro objetivos da presente dissertação, realizou-se uma análise de mediação paralela, utilizando-se a versão 3.4 do SPSS macro PROCESS (Hayes, 2013) de modo a avaliar a significância dos efeitos diretos e indiretos na relação entre funcionamento reflexivo parental e stress parental, considerando como variável mediadora as atribuições parentais. Aferiu-se, também, o valor preditivo das variáveis independentes (funcionamento reflexivo parental) nas variáveis mediadora e dependente. Considerando o pequeno tamanho da amostra do estudo, utilizou-se a macro PROCESS (modelo 4) para testar a significância do efeito indireto, aplicando-se 10000 *bootstraps*. Para o efeito indireto, foi, então, estimado um intervalo de confiança a 95%. A significância do efeito indireto ocorreu sempre que o 0 não se encontrava entre os limites inferior e superior desse intervalo. Como recomendado, para cada preditor incluído no modelo em análise, consideraram-se 10 participantes (Peduzzi, Concato, Feinstein, & Holford, 1995).

Os dados foram analisados tendo em conta os principais pressupostos de modelos lineares. Quanto à distribuição normal dos resíduos, os gráficos Q-Q plots sugerem um ajustamento dos mesmos em torno de zero, assumindo-se a sua distribuição normal. Os pressupostos de autocorrelação entre resíduos (Durbin-Watson = 1.89) e multicolinearidade ($1 < \text{valores de VIF} < 1.69$; $.59 < \text{valores de tolerância} < 1$) foram cumpridos. No geral, os resultados ilustraram que os pressupostos básicos necessários para os modelos lineares foram adequados (Hayes, 2013).

Em termos de *missings*, no presente estudo, a sua percentagem para os itens do funcionamento reflexivo parental foi 3.8%, para o stress parental variou de 5.1% a 7.7%

e para as atribuições parentais disfuncionais foi 5.1%. Os *missings* apresentaram um padrão MCAR (*Missings Completely At Random*) sugerido pelo resultado não significativo do teste de Little (Little, 1988), ou seja, os dados ausentes têm um padrão completamente aleatório ($\chi^2(363) = 336.565, p = .837$). Paralelamente, a distribuição dos dados para todos os itens apresentou-se aproximadamente normal pela análise dos gráficos Q-Q. Assim, a reduzida presença de *missings*, aliada ao seu padrão MCAR e distribuição aproximadamente normal, levou a que se realizasse uma estratégia de imputação com a média da escala, trabalhando-se as variáveis com todos os casos completos.

Resultados

Análise de Correlações

Os resultados da análise descritiva e correlacional são apresentados na Tabela 1. A pré-mentalização correlaciona-se significativamente e na direção esperada com as atribuições parentais disfuncionais, no entanto, moderadamente quando o foco é na responsabilidade da criança e fortemente quando o foco é na causalidade dos pais. Para além disto, a pré-mentalização associa-se direta, significativa e moderadamente com o stress parental. Por sua vez, a certeza dos estados mentais apenas se correlaciona significativa e negativamente, embora a relação seja fraca, com o stress parental, atribuições parentais disfuncionais com foco na responsabilidade dos filhos e com foco na causalidade parental. Já a relação entre a certeza e a curiosidade e interesse acerca dos estados mentais da criança é direta, fraca e significativa. Não se verificou nenhuma relação significativa entre a curiosidade e interesse e as restantes variáveis, nem através de uma relação linear, nem através de outros tipos de relação. Através da revisão de literatura seria de esperar uma relação curvilínea, no entanto, a modelação de relações curvilíneas não se mostrou adequada, no presente estudo³.

No que concerne às atribuições parentais disfuncionais e ao stress parental, a relação é positiva, significativa e forte tanto para o foco na responsabilidade da criança

³ Apesar de, teoricamente, os autores afirmarem que para estas variáveis se espera uma relação curvilínea, o seu ajuste não se mostrou adequado; também o diagrama de dispersão ilustrado revelou uma tendência para relação linear.

como para o foco na causalidade parental. Para além disto, os dois tipos de atribuições parentais disfuncionais correlacionam-se positiva, moderada e significativamente entre si.

As variáveis sociodemográficas não se correlacionaram significativamente com as variáveis em estudo, à exceção do sexo do filho-alvo que se associou de forma negativa e fraca com o stress parental e moderadamente com as atribuições parentais disfuncionais de responsabilidade na criança. Isto é, existem menores níveis de stress parental e de atribuições disfuncionais com foco nos filhos quando o filho-alvo é do sexo masculino.

Tabela 1.

Correlação bivariada para as variáveis em estudo e variáveis sociodemográficas, média e desvio-padrão (N = 78)

Variável	<i>M(DP)</i> [min-max]	1	2	3	4	5	6	7	8 ^a	9	10
1. Pré-mentalização	1.94 (1.04) [1-7]	-									
2. Certeza dos estados mentais	4.53 (1.24) [1.67-6.83]	-.09	-								
3. Curiosidade e interesse	5.64 (1) [3-7]	.05	.26*	-							
4. Stress Parental	35.42 (10.42) [20-64]	.42***	-.23*	.17	-						
5. Atrib. Parent. Disf. Foco filhos	2.98 (1.23) [1-6]	.38***	-.25*	.09	.52***	-					
6. Atrib. Parent. Disf. Foco pais	1.92 (0.90) [1-5.71]	.54***	-.27*	.15	.50***	.43***	-				
7. Sexo do filho-alvo	1.72 (0.45) [1-2]	.04	-.03	.01	-.25*	-.30**	.03	-			
8. Idade do filho-alvo ^a	2.74 (1.12) [1-4]	.06	-.17	-.05	-.21	-.11	-.14	.29**	-		
9. N° total de filhos	1.55 (0.50) [1-2]	-.10	-.03	-.08	-.12	.05	-.06	.10	.47***	-	
10. Configuração familiar	1.53 (0.50) [1-2]	-.03	-.19	.07	.06	.04	.11	.03	-.05	-.06	-

Nota. *** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$. Para o sexo do filho-alvo, os resultados são apresentados para o sexo masculino, enquanto para a variável configuração familiar são estimados para a configuração monoparental.

^a A correlação entre a variável idade do filho-alvo e as restantes foi calculada através do coeficiente de *Spearman*, tendo em conta que se trata de uma variável ordinal codificada por escalões etários.

Análise de preditores

A Tabela 2 ilustra os resultados não estandardizados dos diferentes blocos de preditores nas variáveis mediadoras (atribuições parentais disfuncionais) e stress parental, incluindo como covariável o sexo do filho-alvo. Como se verifica, apenas a variável curiosidade e interesse não se constitui enquanto preditora significativa das atribuições parentais. Também, não revela ter um impacto significativo no stress parental. Neste âmbito, também a pré-mentalização e a certeza sobre os estados mentais não revelam ser preditores diretos significativos do stress parental. Os três modelos de regressão revelaram-se adequados para explicar a variância do stress parental, com uma capacidade explicativa na ordem de 40%.

Análise de Mediação Paralela

A pré-mentalização associa-se positivamente com as atribuições parentais disfuncionais com foco na responsabilidade da criança ($\beta = .11$, $EP = .05$, 95% IC [.02, .23]) e com as atribuições parentais disfuncionais de causalidade com foco nos pais ($\beta = .16$, $EP = .08$, 95% IC [.03, .35]), que por sua vez, se associam positivamente com o stress parental. Portanto, o impacto da pré-mentalização no stress parental realiza-se através das atribuições parentais disfuncionais quer com foco nos filhos, quer com foco nos pais associando-se a um aumento do stress parental (Figura 2).

Os resultados demonstram, igualmente, um efeito indireto significativo no que diz respeito à variável certeza sobre os estados mentais. Assim, a certeza está de forma indireta associada ao stress parental através das atribuições parentais com foco nos filhos ($\beta = -.08$, $EP = .05$, 95% IC [-.20, -.003]) e com foco nos pais ($\beta = -.10$, $EP = .06$, 95% IC [-.22, -.006]). Logo, maiores níveis de certeza estão associados a menores níveis de atribuições parentais disfuncionais com foco nos filhos e nos pais, o que por consequência, diminui o stress parental (Figura 2).

Não se encontraram efeitos indiretos significativos para a variável independente curiosidade e interesse.

Tabela 2.

Estimativas não standardizadas, erro padrão e ajustamento do impacto das variáveis independentes nas variáveis dependentes (N = 78)

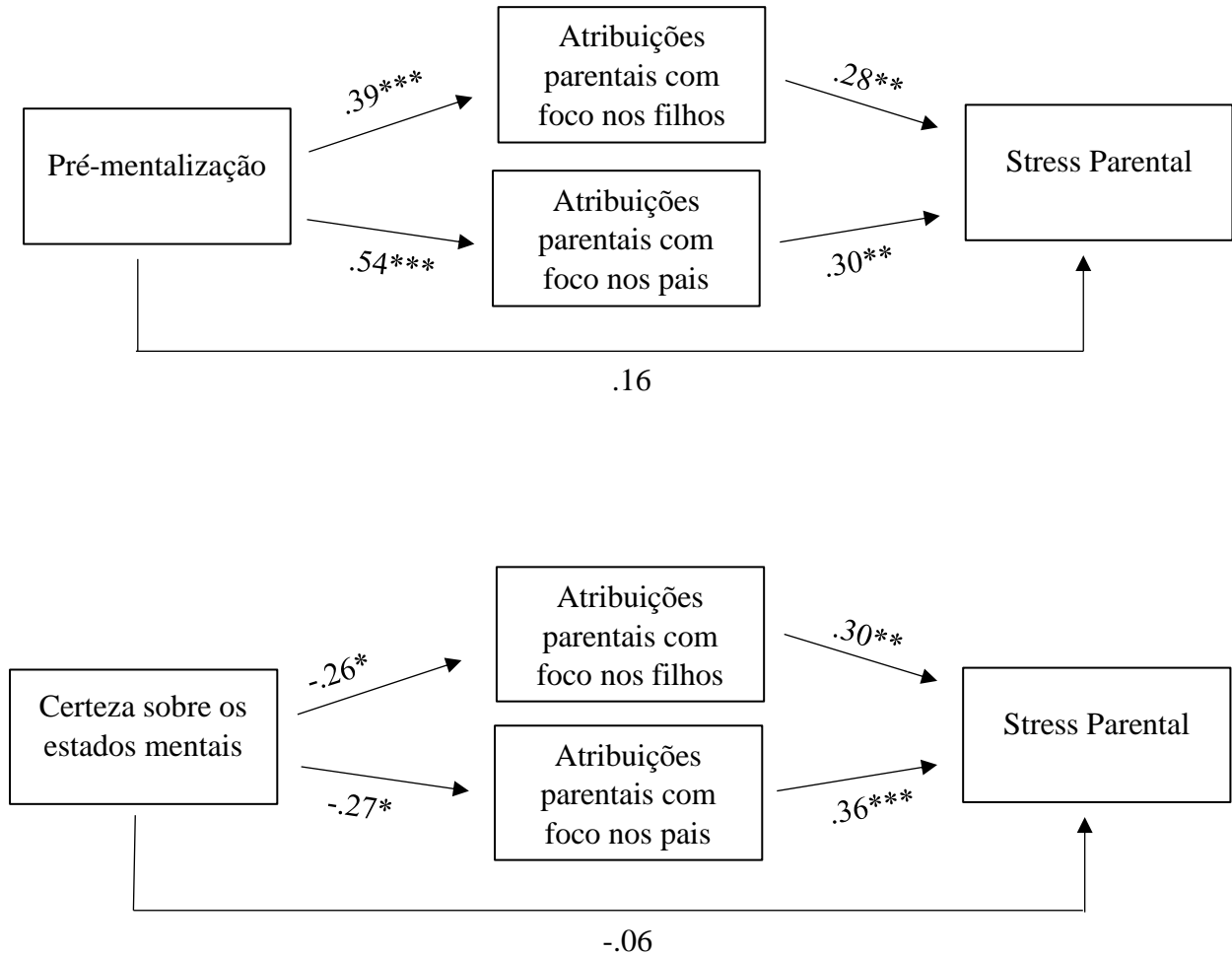
Preditores	Variáveis Dependentes			$F_{(4,73)}$	Ajustamento	
	Passo 1		Passo 2			
	(VI na VM)		(VI e VM na VD)			
	Atribuições Foco Filhos	Atribuições Foco Pais	Stress Parental			
	$B(EP)$	$B(EP)$	$B(EP)$		p	R^2
Bloco 1						
Sexo Filho-Alvo	-.85(.27)**	.01(.19)	-4.03(2.21)	12.24	<.001	.40
Pré-Mentalização	.47(.12)***	.47(.09)***	1.60(1.10)			
Atribuições Foco Filhos			2.34(.92)**			
Atribuições Foco Pais			3.39(1.29)**			
Bloco 2						
Sexo Filho-Alvo	-.83(.29)**	.04(.22)	-3.81(2.24)	11.53	<.001	.39
Certeza dos Estados Mentais	-.25(.11)*	-.20(.08)*	-.49(.81)			
Atribuições Foco Filhos			2.54(.92)**			
Atribuições Foco Pais			4.07(1.20)***			
Bloco 3						
Sexo Filho-Alvo	-.82(.30)**	.05(.23)	-3.73(2.22)	11.72	<.001	.39
Curiosidade e Interesse	.12(.14)	.14(.10)	.88(.95)			
Atribuições Foco Filhos			2.61(.90)**			
Atribuições Foco Pais			4.07(1.18)***			

Nota: No primeiro passo cada bloco de preditores foi regredido nas variáveis mediadoras (atribuições com foco nos filhos e atribuições com foco nos pais). No segundo passo cada bloco de preditores foi regredido na variável dependente, stress parental. A informação sobre o ajustamento remete para o segundo passo.

*** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$

Figura 2.

Modelo de mediação paralela



Nota: Apresentam-se os resultados para as variáveis cujos efeitos indiretos foram significativos. Variáveis independentes (pré-mentalização e certeza dos estados mentais), mediadoras (atribuições parentais com foco nos pais e nos filhos) e dependente (stress parental), com coeficientes estandardizados. Efeito total para a pré-mentalização ($B = 4.27$, $EP = 1$, $p < .001$, 95% IC [2.28, 6.27]). Efeito total para a certeza sobre os estados mentais ($B = -1.94$, $EP = .91$, $p = .04$, 95% IC [-3.75, -.14]). $^{***}p < .001$, $^{**}p < .01$, $^*p < .05$.

Discussão

Na literatura, inúmeros estudos relacionam o contexto de desvantagem socioeconómica com o impacto na parentalidade e no bem-estar da criança (e.g., Chamberland et al., 2014; Cherry et al., 2019; Cooper et al., 2018; Friedson, 2016; Reiss, 2013). No entanto, a mesma carece de estudos focados em variáveis parentais cognitivas tais como crenças, atribuições, expectativas, reflexividade, etc..

O stress parental - reações psicológicas e fisiológicas aversivas, geralmente expressas através de comportamentos, sentimentos e crenças negativas relativamente ao self e à criança, face às múltiplas e diversas exigências no âmbito da parentalidade (Deater-Deckard, 2004b) - aparece muitas vezes descrito na literatura como uma variável particularmente relevante nestes contextos, nomeadamente com grande impacto na parentalidade e bem-estar dos filhos (e.g., Garcia et al., 2017; Pereira et al., 2013; Slack et al., 2011). Deste modo, a presente dissertação apresenta como objetivo geral compreender a relação entre as variáveis funcionamento reflexivo parental, stress parental e atribuições parentais em cuidadores de contextos em desvantagem económica e social.

Os resultados confirmaram a primeira hipótese - *a pré-mentalização está positivamente associada a atribuições parentais disfuncionais e a stress parental* -, na medida em que se verificou uma associação positiva significativa de pré-mentalização com atribuições disfuncionais parentais (tanto com foco na criança, como com foco nos pais) e com stress parental. Este resultado vai ao encontro da literatura que relaciona a dificuldade em compreender e aceder ao mundo subjetivo da criança e as atribuições negativas que os pais fazem ao comportamento dos filhos (Luyten, Nijssens et al., 2017; Rutherford et al., 2013). No entanto, os resultados demonstraram uma associação mais forte entre a pré-mentalização e as atribuições focadas nos pais, comparativamente às atribuições focadas nos filhos, o que poderá estar relacionado com a perceção de autoeficácia parental. Note-se que a amostra da presente dissertação é composta por famílias sinalizadas aos serviços de promoção e proteção, e, por essa razão, a crença de que são “maus pais” poderá ser sobrevalorizada, refletindo-se na autoculpabilização pelos maus comportamentos dos filhos. Os resultados confirmaram também uma relação positiva entre a incapacidade de compreender os estados mentais da criança e o aumento do stress parental como previsto anteriormente por McMahon e Meins (2012) e Nijssens et al. (2018). Saliente-se que a literatura evidencia claramente o impacto da pré-mentalização, das atribuições disfuncionais e do stress parental no exercício da

parentalidade e, conseqüentemente, no menor ajustamento dos filhos, nomeadamente em problemas de internalização e externalização (Benbassat & Priel, 2012; Colalillo et al., 2015; Fernandes et al., 2019; Garcia et al., 2017; Nelson et al., 2013; Xuan et al., 2018).

A segunda hipótese - *a curiosidade e a certeza sobre estados mentais estão negativamente associadas a atribuições parentais disfuncionais e ao stress parental* -, foi parcialmente confirmada, uma vez que os resultados mostram uma relação negativa significativa de certeza sobre os estados mentais com atribuições disfuncionais e com stress parental, não se verificando, contudo, associações com a curiosidade e interesse. Assim, os resultados sugerem que quanto maior a certeza parental acerca dos estados mentais dos filhos, menor a tendência para atribuições disfuncionais com foco nos filhos ou nos pais, e menor o stress parental quotidiano, o que parece indiciar o papel positivo da redução da imprevisibilidade através do conhecimento sobre os filhos e, eventualmente de expectativas realistas. De acordo com a literatura, a capacidade de refletir acerca dos estados mentais da criança potencia a compreensão sobre o seu comportamento, diminuindo, assim o stress parental (McMahon & Meins, 2012), assim como está associado a uma melhor qualidade da parentalidade (Rostad & Whitaker, 2016; Stacks et al., 2014).

Apesar de os nossos resultados não evidenciarem associações significativas com a curiosidade e interesse, o estudo de Rostad e Withaker (2016) com famílias em contexto de desvantagem socioeconómica, revelou uma associação positiva (embora fraca) entre a curiosidade e interesse e satisfação parental, envolvimento, preocupação e comunicação com a criança. Assim, consideramos a necessidade de estudos futuros com amostras de maiores dimensões e mais heterogéneas (e.g., pais e mães) que explorem com maior profundidade tais associações.

No que se refere à terceira hipótese - *as atribuições parentais disfuncionais estão positivamente associadas ao stress parental* -, os resultados confirmaram a associação significativa positiva e forte entre as atribuições parentais disfuncionais e o stress parental, tanto para as atribuições de responsabilidade da criança como para as de causalidade parental. Tal é consonante com a literatura que tem verificado uma relação positiva entre o stress parental e as atribuições parentais disfuncionais embora apenas com foco na criança (Berckerman et al., 2018, 2019; Haskett et al., 2003). A relação entre as atribuições disfuncionais com foco nos pais e o stress parental poderá explicar-se pela centralidade que os pais atribuem ao seu papel, podendo a cultura ter um papel importante nesta perceção. Por exemplo, num estudo de Bugental e Happaney (2002) com mães

italianas, verificou-se que aquelas atribuíam mais relevância à sua capacidade relativamente ao sucesso do cuidado dos filhos do que ao comportamento dos mesmos (Bugental & Happaney, 2002). Tais resultados mostram-se pertinentes no sentido em que as atribuições disfuncionais focadas na responsabilidade da criança, comparativamente com as centradas na causalidade dos pais, têm mais impacto nos problemas de internalização e externalização da criança (Colalillo et al., 2015; Fernandes et al., 2019; Nelson et al., 2013). Um estudo recente diferenciou o impacto dos diferentes tipos de atribuições na parentalidade: atribuições com foco na criança associaram-se positivamente a disciplina inconsistente e as atribuições com foco nos pais associaram-se negativamente a parentalidade positiva e positivamente a parentalidade inconsistente (Kil, Martini, & Andrade, 2020). No entanto, apesar de Colalillo et al. (2015) terem verificado que quanto mais as mães se responsabilizam pelos comportamentos dos filhos, menos problemas estes apresentavam, a presente dissertação aponta no sentido contrário, talvez por terem crenças de autoeficácia inadaptables e não acreditarem na mudança. Para além disto, os dois tipos de atribuições relacionaram-se positiva e significativamente entre si, também verificado pelo estudo de validação do instrumento (Snarr et al., 2009).

A quarta hipótese - *associação positiva entre o número de filhos e o stress parental e uma associação negativa entre a idade dos filhos e stress parental, assim como maiores níveis de stress parental em mães com filhos do sexo masculino e famílias monoparentais* -, foi rejeitada, pois os resultados demonstraram existirem menos níveis de stress parental e de atribuições disfuncionais com foco nos filhos quando o filho-alvo é do sexo masculino, não se tendo verificado associações significativas do stress parental com as demais variáveis sociodemográficas. Os resultados relativos à associação verificada entre stress e sexo do filho são surpreendentes pois contrariam a literatura (e.g., Crouch, Radcliff, Brown, & Hung, 2019; Diener & Swedin, 2020). Tal pode ser explicado por questões metodológicas, nomeadamente, pelo facto de, no presente estudo, se ter avaliado mais especificamente o stress parental quotidiano e não o stress parental associado a características das crianças, dos pais ou da interação entre pais-filhos. Assim, poder-se-ia sugerir que o investimento parental quotidiano é mais forte em relação às filhas, comparativamente aos filhos, constituindo uma fonte de stress.

Relativamente à quinta hipótese - *o número de filhos, a idade e o sexo dos mesmos e a configuração familiar são preditores do stress parental* -, os resultados demonstraram que nenhuma variável sociodemográfica utilizada no presente estudo se mostrou preditora do stress parental, o que é coerente com os resultados supramencionados. Segundo Abidin

(1995), o stress parental tem múltiplos determinantes como fatores da criança, fatores parentais e fatores contextuais. Em termos de preditores, apenas o sexo masculino dos filhos se mostrou preditor negativo das atribuições disfuncionais de ambos os tipos. Note-se que em alguns estudos prévios não se encontraram relações significativas entre o sexo dos filhos e as atribuições parentais disfuncionais (Beckerman et al., 2017, 2018; Nelson et al., 2013).

No que diz respeito à sexta hipótese - *o funcionamento reflexivo parental e as atribuições parentais disfuncionais contribuem para o stress parental* -, apenas as atribuições parentais disfuncionais (foco nos filhos e foco nos pais) se mostraram preditores do stress parental. Uma possível explicação poderá estar relacionada com os pensamentos automáticos aquando os cuidadores se sentem stressados (Beckerman et al., 2017), tendo maior dificuldade em considerar fatores situacionais no que diz respeito à explicação do comportamento do filho, o que por sua vez, poderá aumentar o stress parental. Assim, ao atribuírem a responsabilidade do comportamento negativo a si próprios, os cuidadores poderão sentir-se frustrados por não conseguirem gerir o mau comportamento, gerando maiores níveis de stress. Embora o funcionamento reflexivo parental não se tenha demonstrado preditor direto do stress parental, a pré-mentalização e a certeza sobre os estados mentais (mas não a curiosidade e o interesse) mostraram-se preditores, respetivamente positivo e negativo, das atribuições parentais disfuncionais de responsabilidade da criança e de causalidade parental. Tendo em conta que o funcionamento reflexivo parental se define pela capacidade de os pais refletirem acerca dos estados mentais (sentimentos, motivações, pensamentos, intenções e crenças) subjacentes aos comportamentos dos filhos e acerca dos seus próprios estados mentais relativos à parentalidade (Luyten, Mayes et al., 2017; Narciso et al., 2018; Rostad & Whitaker, 2016; Slade, 2005), compreende-se a associação de fatores internos, estáveis e hostis aos comportamentos indesejados dos filhos, e, pelo contrário, a maior certeza sobre os estados mentais subjacentes aos comportamentos, prediz atribuições mais positivas. Assim, a hipótese foi parcialmente confirmada, o que é coerente com estudos prévios (Beckerman et al., 2017, 2018) que demonstraram que os pais que relatam maiores níveis de stress, apresentam mais atribuições negativas referentes ao comportamento dos filhos. Deste modo, os presentes resultados demonstram uma relação de circularidade entre as atribuições parentais disfuncionais com foco na criança e nos pais e o stress parental, assim como sugerem uma nova variável (certeza sobre os estados mentais) para a explicação do modelo.

Tais resultados poderão significar que é necessário incluir as atribuições para explicar a variância do stress parental, o que justifica a sétima e última hipótese relativa ao papel mediador das atribuições parentais disfuncionais de ambos os tipos na relação entre funcionamento reflexivo e stress parental quotidiano. Deste modo, os resultados validam a última hipótese de que a pré-mentalização aumenta as atribuições parentais disfuncionais com foco nas crianças e nos pais, o que por sua vez, é gerador de stress parental (Beckerman et al., 2017, 2018; Luyten, Nijssens et al., 2017; Rutherford et al., 2013). Assim, quanto maior a dificuldade dos pais em compreender os seus e os estados mentais dos filhos, mais atribuem o mau comportamento dos filhos a fatores negativos do seu papel parental ou aos próprios filhos, o que por sua vez, aumenta o stress relativo às exigências quotidianas da parentalidade. Pais em contexto de desvantagem socioeconómica têm uma maior probabilidade de desenvolverem perturbações emocionais, nomeadamente depressões (Lorant et al., 2003), que constituem um fator de risco de stress parental (Deater-Deckard, 2004b; Rodriguez-JenKins & Marcenko, 2014), dada a sua associação à dificuldade em regular as suas próprias emoções, assim como a uma baixa perceção de autoeficácia (Deater-Deckard, 2004b). Assim, compreende-se que os pais da amostra do presente estudo revelem dificuldade em compreender os seus próprios estados mentais relativos à parentalidade, bem como os dos filhos, atribuindo a intencionalidade do comportamento a fatores internos (seus ou dos filhos), em vez de a fatores circunstanciais ou relativos ao desenvolvimento normativo da criança. Uma outra explicação poderá ter em conta as múltiplas adversidades inerentes ao contexto de desvantagem económica e social. Note-se ainda que, na presente amostra, mais de metade dos pais estavam desempregados (bem como a maioria dos cônjuges) e cerca de metade constituíam famílias de coabitação monoparental. Neste sentido, a carência e pressão económicas poderiam levar a um foco na satisfação de necessidades básicas (Conger et al., 2010) e a uma menor disponibilidade para refletirem acerca da sua parentalidade e dos estados mentais dos filhos, gerando, consequentemente atribuições disfuncionais face aos comportamentos dos filhos, e, assim, aumentando os níveis de stress associados às exigências da parentalidade. Hipoteticamente, poder-se-á também supor uma relação bidirecional entre os problemas de comportamento dos filhos e as atribuições parentais disfuncionais (Snyder et al., 2005; Wilson et al., 2006), assim como com o stress parental (Baker et al., 2003; Cherry et al., 2019).

Limitações do Estudo

No presente estudo, devem considerar-se algumas limitações. Embora a participação tenha sido voluntária e a confidencialidade e anonimato dos dados tenha sido assegurada, o facto de os participantes se encontrarem em avaliação e intervenção no sistema de proteção de crianças e jovens, poderá ter condicionado a genuinidade das suas respostas. Dada a baixa literacia e possível dificuldade na compreensão dos itens por parte dos participantes, os investigadores tiveram de aplicar oralmente o protocolo, o que pode também ter tido algum efeito em termos de desejabilidade social e de subjetividade.

A reduzida dimensão da amostra constitui uma forte limitação, condicionando as operações estatísticas e implicando uma leitura cautelosa dos resultados. Note-se que, para além de se tratar de um processo de recolha moroso e difícil, dada a necessidade de uma aplicação presencial oralizada, muitos participantes não compareciam nos dias agendados para a aplicação do protocolo. Acresce também o facto de se ter terminado precocemente a recolha devido à situação de pandemia Covid-19.

Apresenta-se também como limite o facto de a grande maioria dos participantes ser do sexo feminino. Diversos estudos procuram explorar diferenças na parentalidade em função do género. Por exemplo, Vismara, Sechi, e Lucarelli (2020) verificaram que o baixo funcionamento reflexivo dos pais masculinos está associado a níveis elevados de sintomas depressivos, interações disfuncionais pai-criança e stress parental. Similarmente, Buttitta et al. (2019) verificaram que níveis elevados de funcionamento reflexivo dos pais masculinos estão associados a maior apoio socioemocional dos filhos, constituindo um fator protetor em contexto de parentalidade de risco. Deste modo, seria pertinente que estudos futuros aprofundassem a relação entre estas variáveis e cuidadores do sexo masculino em contexto de desvantagem económica e social.

O facto de se tratar de um estudo transversal não permite estabelecer relações de causalidade entre as variáveis, sendo necessário um estudo longitudinal para colmatar esta limitação e aprofundar a compreensão entre as variáveis aqui estudadas. Para além disto, a validação do questionário do funcionamento reflexivo parental para a população portuguesa encontra-se ainda em curso.

Por fim, configura-se como limitação o não controlo de variáveis com potencial relação com as presentes no estudo. As características dos filhos têm um papel relevante no que diz respeito ao cuidado, podendo contribuir igualmente para o aumento do stress parental e das atribuições disfuncionais (Beckerman et al., 2019; Crnic & Low, 2002).

No entanto, o presente estudo não contemplou variáveis relativas aos filhos, pelo que se sugere que estudos futuros as tenham em consideração para uma compreensão mais aprofundada da relação entre estas variáveis.

Contributos para a Intervenção e Estudos Futuros

Apesar das suas fragilidades, este estudo contribui para a reflexão e aprofundamento do conhecimento científico sobre variáveis cognitivas parentais, nomeadamente, atribuições parentais e funcionamento reflexivo parental, em parentalidade de risco. Os resultados do presente estudo mostram-se relevantes para colmatar lacunas na literatura científica, em geral e particularmente em Portugal, relativamente ao impacto das cognições, nomeadamente, atribuições parentais e funcionamento reflexivo parental em contexto de desvantagem económica e social.

Em estudos futuros, será importante esclarecer a relação entre a curiosidade e interesse sobre os estados mentais dos filhos, assim como o papel das variáveis sociodemográficas nas relações entre as variáveis cognitivas parentais e o stress parental. Para isso, deverá ser considerada a utilização de uma amostra de maiores dimensões.

Poderá ser igualmente vantajoso aprofundar a relação entre o funcionamento reflexivo parental, as atribuições parentais disfuncionais e o stress parental. Deste modo, estudos futuros poderão abranger variáveis como os problemas de comportamento dos filhos, estados psicológicos e crenças de autoeficácia dos cuidadores, de modo a potenciar uma maior compreensão acerca desta relação. Seria relevante incluir estudos longitudinais para aceder a relações causais entre as variáveis, assim como a triangulação de metodologias (estudos qualitativos e quantitativos) e de fontes de informação (mães, pais, rede social significativa, filhos e técnicos).

Os resultados do presente estudo constituem ainda um contributo para a prática clínica, nomeadamente ao nível da prevenção e intervenção na parentalidade em contextos de desvantagem socioeconómica. Ao nível preventivo, mostra-se relevante ter em conta a relação entre o funcionamento reflexivo, as atribuições parentais e o stress parental. Assim, com base nos resultados supramencionados, será importante, quer ao nível da prevenção, quer da intervenção terapêutica, delinear estratégias que promovam o conhecimento e reflexão sobre os estados mentais do próprio e dos filhos, assim como sobre o desenvolvimento normativo das crianças. Tal poderá potenciar atribuições parentais funcionais, e, consequentemente, práticas disciplinares mais positivas,

qualidade na relação pais-filhos e satisfação parental, contribuindo, assim, para o bem-estar das crianças e jovens (Rostad & Whitaker, 2016).

A intervenção ao nível do funcionamento reflexivo implica o desenvolvimento de estratégias que promovam, nos cuidadores, o reconhecimento dos seus próprios estados mentais e o dos filhos, da sua influência no comportamento, assim como o entendimento da interação entre os estados mentais e o comportamento entre as pessoas (Slade, 2007). Este tipo de intervenção poderá contribuir para que os cuidadores adotem uma postura reflexiva face aos comportamentos dos filhos, diminuindo, assim, as atribuições disfuncionais (Rutherford et al., 2013).

Os resultados do presente estudo indicam que aumentar a certeza sobre os estados mentais do próprio e dos filhos, diminui as atribuições disfuncionais de responsabilidade da criança e causalidade parental, o que por sua vez diminui o stress parental. Deste modo, a intervenção poderá incidir na promoção da certeza a um nível adequado, pois níveis elevados estão relacionados a hipermentalização e intrusividade.

Conclusão

A literatura tem demonstrado que o stress parental apresenta múltiplos determinantes, nomeadamente fatores individuais (dos pais e dos filhos), parentais, familiares (tanto intra como extrafamiliares) e sociais, que interagem de forma complexa ao longo do tempo (Diener & Swedin, 2020). Em contextos de desvantagem económica e social, o stress parental pode exacerbar-se. Os resultados do presente estudo contribuem, pois, para o conhecimento da relação entre stress parental e fatores cognitivos como o funcionamento reflexivo e as atribuições parentais em famílias em contexto de desvantagem económica e social. O funcionamento reflexivo parental, as atribuições parentais e o stress parental constituem variáveis importantes para a funcionalidade familiar e individual. O stress relacionado com as exigências da parentalidade tem impacto na relação entre pais e filhos, nomeadamente, pode manifestar-se no uso de práticas disciplinares hostis e menor satisfação no seu papel (Pereira et al., 2013), assim como ser um fator de risco para negligência parental (Slack et al., 2011) e abuso físico (Haskett et al., 2003). Para além disso, tem impacto nos filhos, aumentando a probabilidade de problemas de saúde (Larkin & Otis 2018), assim como de problemas emocionais e comportamentais (Baker et al., 2003; Deater-Deckard, 2004b).

Metaforicamente, podemos olhar para a parentalidade como uma planta, considerando que é um desafio conseguir que uma planta cresça saudável e bonita. Para que isso aconteça, é necessário fornecer-lhe recursos e investimento pessoal, de modo a que, se os recursos (e.g., financeiros, de saúde, sociais) faltarem, o investimento (e.g., funcionamento reflexivo, atribuições funcionais) permita a manutenção do crescimento em equilíbrio. É disto que se trata quando pensamos em famílias em contexto de desvantagem económica e social. Como técnicos, incube-nos a nós ajudar as famílias a regarem as suas plantas, mobilizando recursos e fomentando o desenvolvimento e investimento individual, parental e familiar. Como investigadores, realçamos a relevância da continuidade de estudos sobre a parentalidade em contexto de desvantagem económica e social para que o conhecimento científico que sustenta as práticas de intervenção seja mais compreensivo e preciso.

Referências Bibliográficas

- Abidin, R. R. (1995). *Parenting stress index* (3rd ed.). Odessa, FL: Psychology Resources.
- Ayala-Nunes, L., Nunes, C., & Lemos, I. (2017). Social support and parenting stress in at-risk Portuguese families. *Journal of Social Work, 17*(2), 207–225.
<https://doi.org/10.1177/1468017316640200>
- Baker, B. L., McIntyre, L. L., Blacher, J., Crnic, K., Edelbrock, C., & Low, C. (2003). Pre-school children with and without developmental delay: behaviour problems and parenting stress over time. *Journal of Intellectual Disability Research, 47*(4), 217–230. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2788.2005.00691.x>
- Beckerman, M., van Berkel, S. R., Mesman, J., & Alink, L. R. A. (2017). The role of negative parental attributions in the associations between daily stressors, maltreatment history, and harsh and abusive discipline. *Child Abuse and Neglect, 64*, 109–116. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.12.015>
- Beckerman, M., van Berkel, S. R., Mesman, J., & Alink, L. R. A. (2018). Negative parental attributions mediate associations between risk factors and dysfunctional parenting: A replication and extension. *Child Abuse and Neglect, 81*, 249–258. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.05.001>
- Beckerman, M., van Berkel, S. R., Mesman, J., Huffmeijer, R., & Alink, L. R. A. (2019). Are negative parental attributions predicted by situational stress? From a theoretical assumption toward an experimental answer. *Child Maltreatment, 1*–11. <https://doi.org/10.1177/1077559519879760>
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*(1), 83–96. <https://doi.org/10.2307/1129836>
- Belsky, J., Bell, B., Bradley, R. H., Stallard, N., & Stewart-Brown, S. L. (2006). Socioeconomic risk, parenting during the preschool years and child health age 6 years. *European Journal of Public Health, 17*(5), 508–513. <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckl261>

- Belsky, J., & Jaffee, S. R. (2006). The multiple determinants of parenting. In D. Cicchetti, & D. J. Cohen (Eds.). *Developmental psychopathology* (pp. 38–85) (2nd ed.). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Benbassat, N., & Priel, B. (2012). Parenting and adolescent adjustment: The role of parental reflective function. *Journal of Adolescence*, 35(1), 163–174. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2011.03.004>
- Berger, L. M., Paxson, C., & Waldfogel, J. (2009). Income and child development. *Children and Youth Services Review*, 31(9), 978–989. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2009.04.013>
- Berry, M., Cash, S. J., & Mathiesen, S. G. (2003). Validation of the strengths and stressors tracking device with a child welfare population. *Child Welfare*, 82(3), 293–318.
- Bornstein, M. H., Putnick, D. L., & Suwalsky, J. T. D. (2018). Parenting cognitions→ parenting practices→ child adjustment? The standard model. *Developmental and Psychopathology*, 30(2), 399–416. <https://doi.org/10.1017/S0954579417000931>
- Bugental, D. B. & Happaney, K. (2002). Parental Attributions. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (2nd ed.) (Vol. 3, pp. 509– 536). New Jersey, USA: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers
- Burkhart, M. L., Borelli, J. L., Rasmussen, H. F., Brody, R., & Sbarra, D. A. (2017). Parental mentalizing as an indirect link between attachment anxiety and parenting satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 31(2), 203–213. <https://doi.org/10.1037/fam0000270>
- Buttitta, K. V., Smiley, P. A., Kerr, M. L., Rasmussen, H. F., Querdasi, F. R., & Borelli, J. L. (2019). In a father's mind: paternal reflective functioning, sensitive parenting, and protection against socioeconomic risk. *Attachment and Human Development*, 21(5), 445–466. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1582596>
- Cappa, K. A., Begle, A. M., Conger, J. C., Dumas, J. E., & Conger, A. J. (2011). Bidirectional relationships between parenting stress and child coping competence:

- findings from the pace study. *Journal of Child and Family Studies*, 20(3), 334–342. <https://doi.org/10.1007/s10826-010-9397-0>
- Chamberland, C., Lacharité, C., Clément, M. È., & Lessard, D. (2014). Predictors of development of vulnerable children receiving child welfare services. *Journal of Child and Family Studies*, 24(10), 2975–2988. <https://doi.org/10.1007/s10826-014-0101-7>
- Chen, M., Johnston, C., Sheeber, L., & Leve, C. (2008). Parent and adolescent depressive symptoms: The role of parental attributions. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37, 119–130. <https://doi.org/10.1007/s10802-008-9264-2>
- Cherry, K. E., Gerstein, E. D., & Ciciolla, L. (2019). Parenting stress and children's behavior: Transactional models during early head start. *Journal of Family Psychology*, 33(8), 916–926. <https://doi.org/10.1037/fam0000574>
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Colalillo, S., Miller, N. V., & Johnston, C. (2015). Mother and father attributions for child misbehavior: Relations to child internalizing and externalizing problems. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 34(9), 788–808. <https://doi.org/10.1521/jscp.2015.34.9.788>
- Conger, R. D., Conger, K. J., & Martin, M. J. (2010). Socioeconomic status, family processes, and individual development. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 685–704. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00725.x>
- Coolahan, K., McWayne, C., Fantuzzo, J., & Grim, S. (2002). Validation of a multidimensional assessment of parenting styles for low-income African-American families with preschool children. *Early Childhood Research Quarterly*, 17(3), 356–373. [https://doi.org/10.1016/S0885-2006\(02\)00169-2](https://doi.org/10.1016/S0885-2006(02)00169-2)
- Cooper, E. B., Abate, A., Airrington, M. D., Taylor, L., & Venta, A. C. (2018). When and how do race/ethnicity relate to dysfunctional discipline practices? *Journal of*

Child and Family Studies, 27(3), 966–978. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0931-1>

Crnic, K., & Low, C. (2002). Everyday stresses and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (5th ed.) (Vol. 5, pp. 243–268). New Jersey, USA: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers

Crouch, E., Radcliff, E., Brown, M., & Hung, P. (2019). Exploring the association between parenting stress and a child's exposure to adverse childhood experiences (ACEs). *Children and Youth Services Review*, 102, 186–192. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.05.019>

Deater-Deckard, K. (2004a). Parenting stress and child adjustment: Some old hypotheses and new questions. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 5, 314–332. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2850.1998.tb00152.x>

Deater-Deckard, K. (2004b). *Parenting Stress*. New Haven, CT: Yale University Press.

Diener, M. L., & Swedin, M. N. (2020). Parenting stress. *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development*, 1–11. <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad206>

Fernandes, M., Narciso, I., Pedro, M., & Roberto, M. S. (2019). Portuguese version of the parent cognition scale (PCS): Measuring parental attributions about children's misbehavior. *Journal of Child and Family Studies*, 28(3), 656–667. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-01321-4>

Friedson, M. (2016). Authoritarian parenting attitudes and social origin: The multi-generational relationship of socioeconomic position to childrearing values. *Child Abuse & Neglect*, 51, 263–275. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.10.001>

Garcia, A. S., Ren, L., Esteraich, J. M., & Raikes, H. H. (2017). Influence of child behavioral problems and parenting stress on parent-child conflict among low-income families: The moderating role of maternal nativity. *Merrill-Palmer Quarterly*, 63(3), 311–339. <https://doi.org/10.13110/merrpalmquar1982.63.3.0311>

- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage
- Haskett, M. E., Scott, S. S., Grant, R., Ward, C. S., & Robinson, C. (2003). Child-related cognitions and affective functioning of physically abusive and comparison parents. *Child Abuse and Neglect*, 27(6), 663–686. [https://doi.org/10.1016/S0145-2134\(03\)00103-0](https://doi.org/10.1016/S0145-2134(03)00103-0)
- Hayes, A. F. (2013). *Methodology in the social sciences. Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. New York: Guilford Press.
- Jeon, S., & Neppl, T. K. (2016). Intergenerational continuity in economic hardship, parental positivity, and positive parenting: The association with child behavior. *Journal of Family Psychology*, 30(1), 22–32. <https://doi.org/10.1037/fam0000151>
- Kanner, A. D., Coyne, J. C., Schaefer, C., & Lazarus, R. S. (1981). Comparison of two modes of stress measurement: Daily hassles and uplifts versus major life events. *Journal of Behavioral Medicine*, 4(1), 1–39. <https://doi.org/10.1007/BF00844845>
- Kil, H., Martini, J., & Andrade, B. F. (2020). Parental attributions, parenting skills, and readiness for treatment in parents of children with disruptive behavior. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*. <https://doi.org/10.1007/s10862-020-09801-y>
- Larkin, S. J., & Otis, M. (2018). The relationship of child temperament, maternal parenting stress, maternal child interaction and child health rating. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 36(6), 631–640. <https://doi.org/10.1007/s10560-018-0587-8>
- Little, R. J. A. (1988). A test of missing completely at random for multivariate data with missing values. *Journal of the American Statistical Association*, 83(404), 1198–1202. <https://doi.org/10.1080/01621459.1988.10478722>

- Lorant, V., Delière, D., Eaton, W., Robert, A., Philippot, P., & Ansseau, M. (2003). Socioeconomic inequalities in depression: a meta-analysis. *American journal of epidemiology*, 157(2), 98-112. <https://doi.org/10.1093/aje/kwf182>
- Luyten, P., Mayes, L. C., Nijssens, L., & Fonagy, P. (2017). The parental reflective functioning questionnaire: Development and preliminary validation. *PLoS ONE*, 12(5), 1–28. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0176218>
- Luyten, P., Nijssens, L., Fonagy, P., & Mayes, L. C. (2017). Parental reflective functioning: Theory, research, and clinical applications. *Psychoanalytic Study of the Child*, 70(1), 174–199. <https://doi.org/10.1080/00797308.2016.1277901>
- Masarik, A. S., & Conger, R. D. (2017). Stress and child development: A review of the Family Stress Model. *Current Opinion in Psychology*, 13, 85–90. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.05.008>
- McMahon, C. A., & Meins, E. (2012). Mind-mindedness, parenting stress, and emotional availability in mothers of preschoolers. *Early Childhood Research Quarterly*, 27(2), 245–252. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2011.08.002>
- McPherson, A. V., Lewis, K. M., Lynn, A. E., Haskett, M. E., & Behrend, T. S. (2009). Predictors of parenting stress for abusive and nonabusive mothers. *Journal of Child and Family Studies*, 18(1), 61–69. <https://doi.org/10.1007/s10826-008-9207-0>
- Montes, P. M., De Paúl, J., & Milner, J. S. (2001). Evaluations, attributions, affect, and disciplinary choices in mothers at high and low risk for child physical abuse. *Child Abuse and Neglect*, 25(8), 1015–1036. [https://doi.org/10.1016/S0145-2134\(01\)00254-X](https://doi.org/10.1016/S0145-2134(01)00254-X)
- Moreno, J. M. (2002). Estudio sobre las variables que intervienen en el abandono físico o negligencia infantil. *Anales de Psicología*, 18(1), 135–150.
- Narciso, I., Relvas, A. P., Ferreira, L. C., Vieira-Santos, S., Fernandes, M., de Santa-Bárbara, S., & Machado, I. (2018). Mapping the “good mother” – Meanings and experiences in economically and socially disadvantaged contexts. *Children and*

- Youth Services Review*, 93, 418–427.
<https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.08.029>
- Neece, C. L., Green, S. A., & Baker, B. L. (2012). Parenting stress and child behavior problems: A transactional relationship across time. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, 117(1), 48–66.
<https://doi.org/10.1352/1944-7558-117.1.48>
- Negrão, M., Pereira, M., & Soares, I. (2009). *Questionário de factores de stress quotidiano*. Unpublished manuscript, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Nelson, J. A., O'Brien, M., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2013). Mothers' and fathers' negative responsibility attributions and perceptions of children's problem behavior. *Personal Relationships*, 20(4), 719–727. <https://doi.org/10.1111/pere.12010>
- Nijssens, L., Bleys, D., Casalin, S., Vliegen, N., & Luyten, P. (2018). Parental attachment dimensions and parenting stress: The mediating role of parental reflective functioning. *Journal of Child and Family Studies*, 27(6), 2025–2036.
<https://doi.org/10.1007/s10826-018-1029-0>
- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). New York, NY: McGraw-Hill.
- Östberg, M., & Hagekull, B. (2000). A structural modeling approach to the understanding of parenting stress. *Journal of Clinical Child Psychology*, 29(4), 615–625. https://doi.org/10.1207/S15374424JCCP2904_13
- Peduzzi, P., Concato, J., Feinstein A.R., Holford T.R. (1995). Importance of events per independent variable in proportional hazards regression analysis II. Accuracy and precision of regression estimates. *Journal of Clinical Epidemiology*, 48(12), 1503–1510. [https://doi.org/10.1016/0895-4356\(95\)00048-8](https://doi.org/10.1016/0895-4356(95)00048-8)
- Pereira, M., Negrão, M., Soares, I., & Mesman, J. (2013). Predicting harsh discipline in at-risk mothers: The moderating effect of socioeconomic deprivation severity. *Journal of Child and Family Studies*, 22(8), 725–733.
<https://doi.org/10.1007/s10826-013-9883-2>

- Raikes, H. A., & Thompson, R. A. (2005). Efficacy and social support as predictors of parenting stress among families in poverty. *Infant Mental Health Journal*, 26(3), 177–190. <https://doi.org/10.1002/imhj.20044>
- Reinherz, H. Z., Giaconia, R. M., Hauf, A. M. C., Wasserman, M. S., & Paradis, A. D. (2000). General and specific childhood risk factors for depression and drug disorders by early adulthood. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 39(2), 223–231. <https://doi.org/10.1097/00004583-200002000-00023>
- Reiss, F. (2013). Socioeconomic inequalities and mental health problems in children and adolescents: A systematic review. *Social Science & Medicine*, 90, 24–31. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2013.04.026>
- Rodriguez-JenKins, J., & Marcenko, M. O. (2014). Parenting stress among child welfare involved families: Differences by child placement. *Children and Youth Services Review*, 46, 19–27. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2014.07.024>
- Rostad, W. L., & Whitaker, D. J. (2016). The association between reflective functioning and parent–child relationship quality. *Journal of Child and Family Studies*, 25(7), 2164–2177. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0388-7>
- Rutherford, H. J. V., Goldberg, B., Luyten, P., Bridgett, D. J., & Mayes, L. C. (2013). Parental reflective functioning is associated with tolerance of infant distress but not general distress: Evidence for a specific relationship using a simulated baby paradigm. *Infant Behavior and Development*, 36(4), 635–641. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2013.06.008>
- Sadler, L. S., Slade, A., Close, N., Webb, D. L., Simpson, T., Fennie, K., & Mayes, L. C. (2013). Minding the baby: Enhancing reflectiveness to improve early health and relationship outcomes in an interdisciplinary home-visiting program. *Infant Mental Health Journal*, 34(5), 391–405. <https://doi.org/10.1002/imhj.21406>
- Scaramella, L. V., Neppl, T. K., Ontai, L. L., & Conger, R. D. (2008). Consequences of socioeconomic disadvantage across three generations: Parenting behavior and child

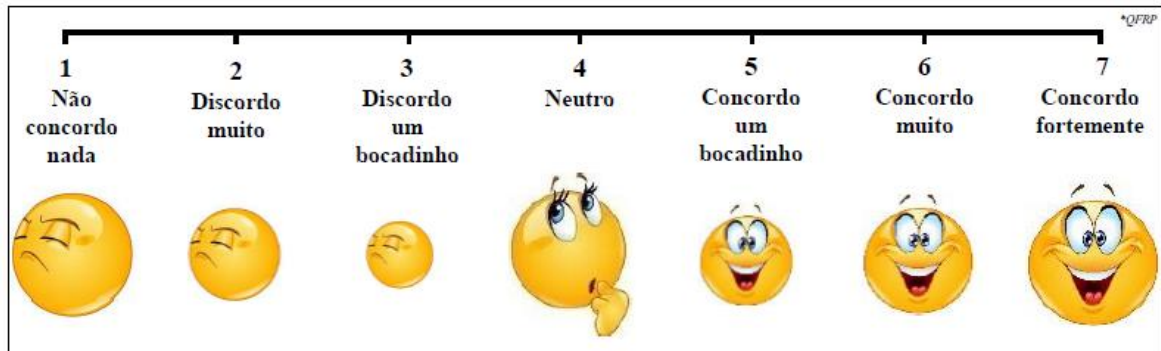
- externalizing problems. *Journal of Family Psychology*, 22(5), 725–733.
<https://doi.org/10.1037/a0013190>
- Scher, A., & Sharabany, R. (2005). Parenting anxiety and stress: Does gender play a part at 3 months of age? *Journal of Genetic Psychology*, 166(2), 203–214.
<https://doi.org/10.3200/GNTP.166.2.203-214>
- Sheeber, L. B., Johnston, C., Chen, M., Leve, C., Hops, H., & Davis, B. (2009). Mothers' and fathers' attributions for adolescent behavior: An examination in families of depressed, subdiagnostic, and nondepressed youth. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 871–881. <https://doi.org/10.1037/a0016758>
- Slack, K. S., Berger, L. M., DuMont, K., Yang, M. Y., Kim, B., Ehrhard-Dietzel, S., & Holl, J. L. (2011). Risk and protective factors for child neglect during early childhood: A cross-study comparison. *Children and Youth Services Review*, 33(8), 1354–1363. <https://doi.org/10.1016/j.chidyouth.2011.04.024>
- Slade, A. (2005). Parental reflective functioning: An introduction. *Attachment and Human Development*, 7(3), 269–281. <https://doi.org/10.1080/14616730500245906>
- Slade, A. (2007). Reflective parenting programs: Theory and development. *Psychoanalytic Inquiry*, 26(4), 640–657.
<https://doi.org/10.1080/07351690701310698>
- Slade, A., Grienenberger, J., Bernbach, E., Levy, D., & Locker, A. (2005). Maternal reflective functioning, attachment, and the transmission gap: A preliminary study. *Attachment and Human Development*, 7(3), 283–298.
<https://doi.org/10.1080/14616730500245880>
- Snarr, J. D., Slep, A. M. S., & Grande, V. P. (2009). Validation of a New Self-Report Measure of Parental Attributions. *Psychological Assessment*, 21(3), 390–401.
<https://doi.org/10.1037/a0016331>
- Snyder, J., Cramer, A., Afrank, J., & Patterson, G. R. (2005). The contributions of ineffective discipline and parental hostile attributions of child misbehavior to the

- development of conduct problems at home and school. *Developmental Psychology*, 41(1), 30–41. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.41.1.30>
- Stacks, A. M., Muzik, M., Wong, K., Beeghly, M., Huth-Bocks, A., Irwin, J. L., & Rosenblum, K. L. (2014). Maternal reflective functioning among mothers with childhood maltreatment histories: links to sensitive parenting and infant attachment security. *Attachment & Human Development*, 16(5), 515–533. <https://doi.org/10.1080/14616734.2014.935452>
- Steele, H., Bate, J., Steele, M., Dube, S. R., Danskin, K., Knafo, H., ... Murphy, A. (2016). Adverse childhood experiences, poverty, and parenting stress. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 48(1), 32–38. <https://doi.org/10.1037/cbs0000034>
- Van der Waerden, J. E., Hoefnagels, C., & Hosman, C. M. (2011). Psychosocial preventive interventions to reduce depressive symptoms in low-SES women at risk: A meta-analysis. *Journal of affective disorders*, 128(1-2), 10-23. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2010.02.137>
- Vismara, L., Sechi, C., & Lucarelli, L. (2020). Reflective function in first-time mothers and fathers: Association with infant temperament and parenting stress. *European Journal of Trauma & Dissociation*. <https://doi.org/10.1016/j.ejtd.2020.100147>
- Wang, Z., Deater-Deckard, K., & Bell, M. A. (2013). Household chaos moderates the link between maternal attribution bias and parenting. *Parenting*, 13(4), 233–252. <https://doi.org/10.1080/15295192.2013.832569>
- Wang, M., & Wang, J. (2018). Negative parental attribution and emotional dysregulation in Chinese early adolescents: Harsh fathering and harsh mothering as potential mediators. *Child Abuse and Neglect*, 81, 12–20. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.04.008>
- Warren, E. J., & Font, S. A. (2015). Housing insecurity, maternal stress, and child maltreatment: An application of the family stress model. *Social Service Review*, 89(1), 9–39. <https://doi.org/10.1086/680043>

- Whitson, M. L., Bernard, S., & Kaufman, J. S. (2014). The mediating role of parenting stress for children exposed to trauma: Results from a school-based system of care. *Journal of Child and Family Studies*, 24(4), 1141–1151.
<https://doi.org/10.1007/s10826-014-9922-7>
- Wilson, C., Gardner, F., Burton, J., & Leung, S. (2006). Maternal attributions and young children's conduct problems: a longitudinal study. *Infant and Child Development*, 15(2), 109–121. <https://doi.org/10.1002/icd.440>
- Wong, K., Stacks, A. M., Rosenblum, K. L., & Muzik, M. (2017). Parental reflective functioning moderates the relationship between difficult temperament in infancy and behavior problems in toddlerhood. *Merrill-Palmer Quarterly*, 63(1), 54–76.
<https://doi.org/10.13110/merrpalmquar1982.63.1.0054>
- Xuan, X., Chen, F., Yuan, C., Zhang, X., Luo, Y., Xue, Y., & Wang, Y. (2018). The relationship between parental conflict and preschool children's behavior problems: A moderated mediation model of parenting stress and child emotionality. *Children and Youth Services Review*, 95, 209–216.
<https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.10.021>

Anexos

Anexo I- Exemplo de uma régua de resposta explicativa da escala de Likert



Anexo II- Exemplos de itens do Questionário de Funcionamento Reflexivo Parental (Luyten, Mayes et al, 2017; versão portuguesa: Moreira & Fonseca (adaptação em curso))

1. As únicas alturas em que tenho a certeza que o meu filho me ama é quando ele está a sorrir para mim.
2. Sei sempre o que o meu filho quer.
3. Gosto de pensar nas razões que estão por trás da forma como o meu filho se sente e se comporta
5. Consigo ler completamente a mente do meu filho.
9. Sinto muitas vezes curiosidade em descobrir o que o meu filho está a sentir.
13. Quando o meu filho fica rabugento, ele faz isso só para me irritar.

Anexo III- Exemplo de itens do Parent Cognition Scale – PCS (Snarr et al., 2009; Fernandes et al., 2019)

- 2.** O meu filho não me ouve.
- 3.** Não sou suficientemente organizado(a) com o meu filho.
- 8.** O meu filho é teimoso.
- 9.** É difícil, para mim, impor limites.
- 14.** O meu filho faz de propósito para me deixar zangado(a).
- 16.** Não sou paciente.
- 18.** O meu filho quer tudo à maneira dele.
- 22.** Não sou capaz de ser claro(a).
- 25.** O meu filho gosta de testar os meus limites.
- 27.** Não faço as coisas como deve ser.

Anexo IV- Exemplo de itens do Questionário de Fatores de Stress Quotidiano (Kanner et al., 1981; Negrão et al., 2009)

- 2.** Ser importunado, ouvir choramingar, ou ouvir “queixinhas”.
- 3.** Problemas durante a hora de jantar (difícil para comer, queixa-se).
- 8.** Os meus filhos precisam que os entretenha ou brinque com eles.
- 13.** Ter de alterar os meus planos devido às necessidades dos meus filhos.
- 16.** Os meus filhos são difíceis de lidar em público (ex. em lojas).
- 18.** Dificuldade em deixar os meus filhos (ex. passar uma noite fora de casa, ou na creche/jardim de infância).